

# PERNAMBUCO



## EIS UMA COSTA, EIS UM PORTO

ENSAIO INVESTIGA AS ROTAS DESSA  
VIAJANTE QUE FOI ELIZABETH BISHOP

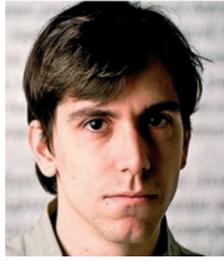
KARINA FREITAS



## COLABORADORES



**Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira,** autor, entre outros, de *As visitas que hoje estamos*



**Antônio Xerzenesky,** autor, entre outros, de *Areia nos dentes* e *Página assombrada por fantasmas*



**Micheliny Verunschck,** autora, entre outros, de *Geografia íntima do deserto* e *Cartografia da noite*

## E MAIS

**Lonely Christopher,** poeta norte-americano ainda não publicado no Brasil. **Ricardo Viel,** jornalista e pesquisador da Fundação José Saramago. **Rodrigo Casarin,** jornalista. **Rubens Akira Kuana,** tradutor.

## CARTA DO EDITOR

Há um bom tempo que o **Pernambuco** estava devendo uma matéria de capa com Elizabeth Bishop, um dos nomes fundamentais da literatura do século 20. Para lembrar a importância da autora, convidamos Micheliny Verunschck, também poeta, para pensar um pouco sobre o legado dessa espécie de turista accidental que teve uma história de amor e incompreensão com o Brasil, como todas as histórias que são intensas.

Ainda nesse número, conversamos com o biógrafo norte-americano Benjamin Moser, autor de uma célebre biografia de Clarice Lispector e que está trabalhando numa obra sobre Susan Sontag. Moser aproveitou para comentar a forma como o Brasil lida com o trabalho dos biógrafos, sobretudo após toda a polêmica do grupo Procure Saber, capitaneado por nomes como Caetano Veloso e Roberto Carlos. “No Brasil as biografias quase não existem. Há certas biografias, mas não há uma tradição de biografias na literatura brasileira, o que tem sido um grande problema para a continuidade e para a divulgação da cultura nacional – fora mas ainda mais grave dentro do país. Mas não é por pudor. É pelo desejo que muitas pessoas

poderosas têm de controlar e de manipular sua imagem. Como eu falei, a liberdade de expressão não existe para proteger elogios porque todo mundo gosta de elogios. Na Coreia do Norte pode também publicar tudo – à condição de que elogie as autoridades. Essas liberdades existem justamente para criticar, para desafiar, e são o fundamento do que é um país livre. Biografias fazem parte disso”, comentou Moser.

Num ensaio especial, o jornalista Ricardo Viel conversou com vários escritores que usaram a literatura como uma espécie de passagem de superação (ou melhor: compreensão) do luto. É o caso da jornalista espanhola Rosa Montero que em seu mais recente livro fala da morte do seu marido: “Nos, os humanos, não sabemos o que fazer com a morte. Grande impensável manejável cruel horrível. Assim que, como não sabemos o que fazer, fabricamos túmulos, dólmenes, necrópoles megalíticas, pirâmides, sarcófagos, panteões, túmulos coletivos, túmulos individuais, sepulturas, monumentos memoriais, lápides, criptas, nichos, ossuários, solenes cemitérios”.

**Boa leitura e até abril.**

## PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO  
DE PERNAMBUCO  
*Governador*  
Eduardo Campos

*Secretário da Casa Civil*  
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA  
DE PERNAMBUCO – CEPE  
*Presidente interino*  
Bráulio Meneses  
*Diretor de Produção e Edição*  
Ricardo Melo  
*Diretor Administrativo e Financeiro*  
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL  
Everardo Norões (presidente)  
Lourival Holanda  
Nelly Medeiros de Carvalho  
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO  
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO  
Luiz Arrais

EDIÇÃO  
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO  
Debóra Nascimento, Gilson Oliveira e Mariana Oliveira (revisão), Mariza Pontes e Marco Polo (colunistas)

ARTE  
Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)  
Sebastião Corrêa (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA  
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE  
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO  
Gilberto Silva

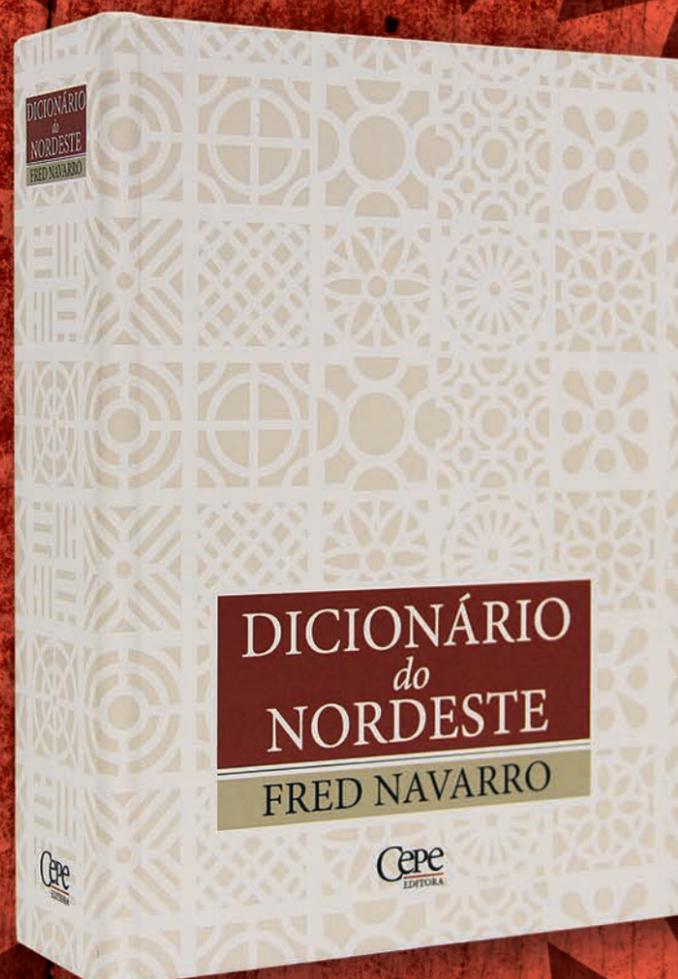


PERNAMBUCO é uma publicação da  
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE  
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife  
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação  
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

VOCÊ SABE O QUE É  
UM ABILOCIL?  
UMA BALDROCA?  
UMA CACERENGA?  
UM DEBO?  
UM EMBELECO?  
E UM FIFÓ?

PASSE O GRAU NESTE LIVRO  
E FIQUE POR DENTRO!



**Cepe**  
EDITORA  
www.cepe.com.br

## BASTIDORES

# Quando Orson Welles rompeu o meu bloqueio

Para o seu novo livro, o autor havia prometido a si mesmo não fugir muito da sua própria realidade para criar o enredo. Mas não conseguiu manter a promessa até o fim

JANIO SANTOS



## Antônio Xerxenesky

“Nunca mais escrevo livro com pesquisa!”, esbravejei e repeti isso por semanas, talvez meses. “Por que eu não escrevo um romance sobre homem de classe média, da minha idade, na São Paulo dos dias de hoje? Por que eu invento de escrever essas coisas trabalhosas tão longes da minha realidade?”. Murmurei essas reclamações durante todo o longo período em que senti que nunca terminaria de escrever *F*, que a única saída seria pedir a rescisão de contrato com a minha editora e passar alguns anos sem produzir ficção. O ritmo era de uma ou duas páginas por semana que eu julgava mortas, insossas.

Eu tentava entender o que estava me bloqueando. Era o fato de um dos personagens principais ser Orson Welles, e a leitura de uns cinco livros sobre o cineasta ainda não me dar segurança o suficiente para colocar palavras na boca do mestre? Era o fato da trama se passar no período entre 1960 e 1985, sendo que eu nasci em 1984? Era o fato de que boa parte dos acontecimentos ocorrem em Los Angeles, uma cidade que nunca visitei?

Sim, sim, sim, todos esses fatores contavam. Mais paralisante, talvez, fosse o quesito recepção. Uma versão embrionária do primeiro capítulo tinha saído na revista *Granta*, e tirando os meus pais e alguns amigos, quase ninguém gostou. Tenho o hábito de nunca mostrar um “work in progress” a ninguém, mas a *Granta* acabou expondo um trabalho longe de finalizado para uma massa opinante.

Além do mais, eu abria o Facebook, e não sei como está a *timeline* de vocês, mas a minha às vezes parece composta por vários microcosmos de controvérsias onde, em qualquer assunto, um lado diz que o outro é “reacionário” e o outro lado responde que o primeiro é formado por “esquerdistas ingênuos”. A narradora de meu romance é de uma ambiguidade política terrível; sua única ética é a estética, e sua relação com a ditadura brasileira é no mínimo problemática. Eu imaginava como seria a reação dessas pessoas com tantas certezas ao ler o meu livro. E imaginava, também, todos aqueles leitores que, por algum motivo bizarro, acham que o narrador é um reflexo do escritor.

Eu sei, isso é tudo bobagem, o ficcionista não deveria se preocupar com a recepção de sua obra, muito menos a esse nível. Mas, céus, nós somos humanos, falíveis, e de vez em quando a gente se preocupa com cada besteira.

Então, houve um estalo. Sim, o lendário estalo que rompe o bloqueio. Foi uma frase que não cabe revelar aqui. Uma frase que saiu, ao natural, e me fez entender, como eu nunca tinha entendido, a minha narradora e personagem principal. Naquele momento, Ana ganhou vida. Ela era uma personagem que existia, tinha suas motivações contraditórias, mas eram coerentes, possíveis.

A partir desse momento, num salto lógico, lancei um “foda-se o leitor”. E um “foda-se o escritor”. A minha narradora tem uma história para contar e ela vai contá-la até o fim.

Depois dessa faísca, escrevi sem parar à noite, depois do expediente, jogado no sofá, ouvindo discos e mais discos<sup>1</sup> e bebendo vinho, não me preocupando com o mundo exterior. Em poucos meses, escrevi muito mais do que tinha escrito nos últimos dois anos.

A história chegou ao fim. Relaxei com a pesquisa. Li oito livros sobre Welles, usei o *Google Street View* e – de ultimíssima hora – o jogo *GTA V* para recompor Los Angeles, e quase todas as informações sobre a ditadura tomei não de fontes livrescas, mas de relatos de minha mãe, que viveu na pele o clima de medo e paranoia que imperava na Porto Alegre dos anos 1960 e 1970. Por um lado, não sou nem um pouco apto a falar sobre detalhes históricos do regime militar brasileiro; por outro lado, a minha personagem também não, ela apenas viveu aquele período tangencialmente, e também dependia mais de impressões e sensações.

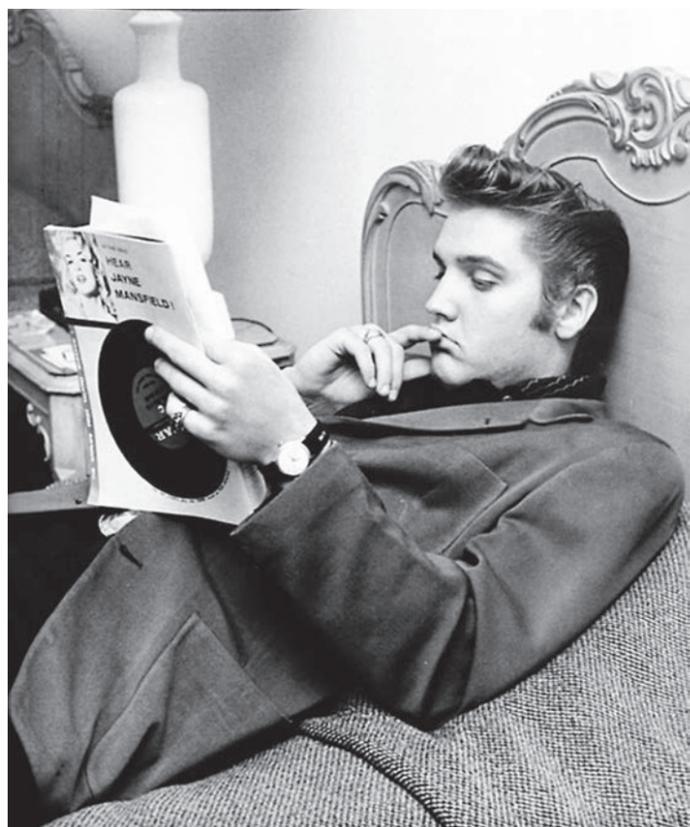
Em maio sairá o livro, e todos poderão conhecer a história da jovem brasileira treinada para agir contra a ditadura que perdeu todo o interesse político e virou uma assassina de aluguel. E foi contratada para matar Orson Welles em 1985. Mas antes, deu um pulo em Paris e assistiu aos filmes dele, e isso mudou tudo. A história parece completamente maluca, e essa é a apenas a primeira parte.

Para alguém que estava tão tenso com a recepção, sinto-me relaxado. De certa forma, a crítica é bastante previsível no Brasil: sei quem vai gostar do livro, quais amigos darão um tapinha nas costas, quais jornais vão execrá-lo. Tudo bem. Junto com o estalo, veio a calma. Dane-se a recepção. No meio do ruído branco de opinadores e silenciadores, sei que, como nos meus outros livros, haverá quatro ou cinco pessoas que sentirão que *F* comunicou algo a eles. São esses leitores, como sempre, que fazem tudo valer a pena.

<sup>1</sup> Vinis que não saíram da vitrola: *Themes for an imaginary film*, do Symmetry; *Disintegration*, do The Cure; *Floodlands*, do Sisters of Mercy; *Night Drive*, do Chromatics.

\* Leia trecho do romance *F* em Inéditos.

Elvis Presley (1935 -1977), cantor e ator. Foto de Ed Braslaff (1956)



## RESENHA

# O conflito que rachou a modernidade

A efeméride dos 100 anos da Primeira Guerra Mundial aquece o mercado editorial

Rodrigo Casarin

Elizabeth Taylor (1932 - 2011), atriz. Londres, 1960



**Sarajevo, 1914.** Balas mortais atingem o arquiduque austríaco Francisco Ferdinando e a duquesa Sofia. Quem as dispara é Gavrilo Princip, um sérvio integrante da Mão Negra, organização que quer todos os territórios eslavos independentes do império austro-húngaro. Para alcançar o objetivo, usa a violência como principal arma. O assassinato do casal é somente mais um ato. Gavrilo não imaginava o que aqueles disparos ocasionariam.

A Europa vivia um momento delicado. As nações imperialistas tentavam a todo custo aumentar seus territórios. Disputavam espaços na África e, para se fortalecer, investiam muito dinheiro em armamentos. Com a animosidade entre os impérios, o sentimento de nacionalismo se exacerbava em uma época cujas feridas causadas por conflitos no século 19 ainda incomodavam.

Após o assassinato, os austro-húngaros acusam a Sérvia de financiar a Mão Negra e logo declaram guerra ao país. É a desculpa que todos precisavam. Como garotos esperando qualquer olhar torto para iniciar uma confusão, as nações europeias vão à briga. A Rússia em defesa dos sérvios; a Alemanha, contra a França e depois contra a Rússia; a Grã Bretanha, contra a Alemanha, em defesa da Bélgica; a Itália um tanto perdida, sem saber ao certo em quem bater. Logo os Estados Unidos chegariam para dar uma força aos amigos bretões e franceses.

A briga seria superlativa. Duraria até 1918, envolveria países de todos os continentes, deixaria mais de quinze milhões de mortos e seria conhecida como a Primeira Guerra Mundial, ou A Grande Guerra.

2014 marca os cem anos do início do conflito e o mercado editorial prepara novidades sobre o assunto. A Rocco lançará *Adeus à Europa*, de Olivier Campagnon, um estudo que mostra o impacto da batalha nos países latino-americanos, principalmente no Brasil e na Argentina. Segundo Campagnon, a mudança na imagem europeia, outrora exemplo de civilização, levanta questões identitárias que levam a uma reformulação do nacionalismo na América Latina.

Pela Companhia das Letras, chegará às prateleiras *The Sllepwalkers* (ainda sem título em português), de Christopher Clark, que trata das razões que motivaram a luta armada, e *The beauty and the sorrow* (outro ainda sem nome em nossa língua), de Peter England, um retrato das pessoas comuns durante o combate. A Alfaguara também trará uma novidade: *O bom soldado Svejk*, de Jaroslav Hasek, uma comédia que flerta com o absurdo, previsto já para o primeiro semestre.

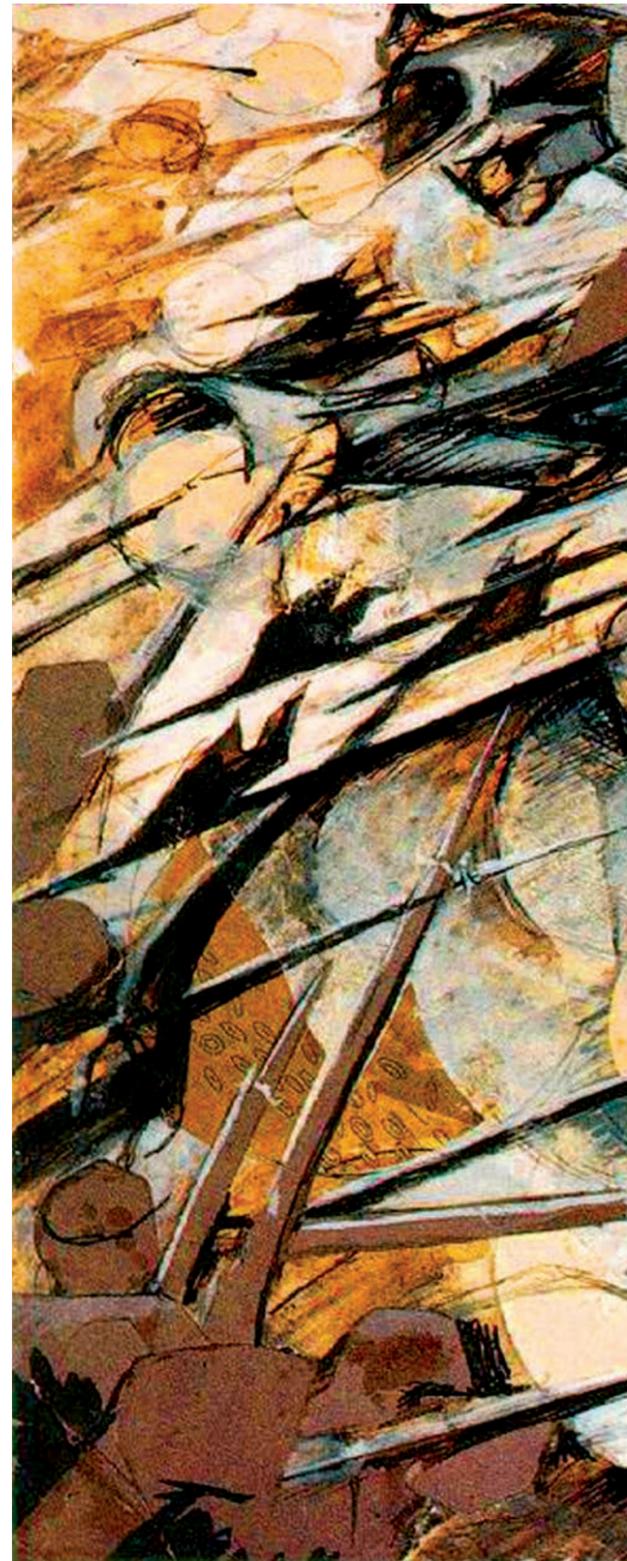
## A LITERATURA DA PRIMEIRA GUERRA

As editoras se aproveitam da efeméride. Contudo, ao longo desses 100 anos, diversos livros já abordaram a Grande Guerra. Os dois mais comumente lembrados são os romances *Nada de novo no front*, de Erich Maria Remarque, e *Adeus às armas*, de Ernest Hemingway.

Erich Maria Remarque é o pseudônimo de Erich Paul Remark, alemão que esteve no campo de batalha. *Nada de novo no front*, de 1929, é protagonizado por Paul Bäumer, que se alista ao exército germânico e vai combater no oeste europeu, onde se dá conta do que é realmente a guerra: um bando de homens matando outros homens por causa de homens que jamais viram na vida. A matança é intercalada por momentos de monotonia e fome – a dificuldade em encontrar comida às vezes é grande. Quando Paul volta à cidade, surpreende-se com as pessoas que acompanham tudo de suas casas, loucas por uma triunfal vitória, bastante diferente dos soldados da linha de frente, que só querem permanecer vivos.

Hemingway também esteve no *front*. Recusado pelo exército de seu país, os Estados Unidos, arrumou uma vaga na Cruz Vermelha. Foi enviado à Itália, onde dirigiu ambulâncias até estilhaços de uma bomba lhe atingirem na perna, obrigando-o a retornar para casa. Da experiência nasceu *Adeus às armas*, que, se lançado hoje, com certeza fomentaria ainda mais a discussão sobre as metaficcões. A obra, publicada no mesmo ano de *Nada de novo no front*, narra a história de Frederic Henry, estadunidense que vai à guerra ser piloto de ambulância e é ferido na perna, veja só. Assim como Hemingway, Frederic se apaixona em meio à barbárie. É sobre a relação do personagem com sua amada que o enredo desenrola até seu final publicado – apenas um dos 47 finais elaborados pelo escritor.

CHARGE OF THE LANCERS (1915), COLAGEM DE UMBERTO BOCCIONI / REPRODUÇÃO



Se o cenário dessas duas obras é a Primeira Guerra Mundial, em outras ela aparece de forma velada, com influência sobre o ambiente que os personagens vivem – é o caso de *O grande Gatsby*, clássico do estadunidense Scott Fitzgerald, lançado em 1925 e que mostra a prosperidade e o deslumbramento da elite de seu país nos anos que sucederam o conflito – ou explicitamente, mas de maneira pontual – como em *O tempo redescoberto*, último volume da *Em busca do tempo perdido*, do francês Marcel Proust, do qual se destaca a cena do protagonista passeando por uma Paris em meio a bombardeios.

No Brasil, um dos personagens mais marcantes de nossa literatura nasceu inspirado pelo combate. Jeca Tatu, uma espécie de arquétipo caipira, apareceu primeiro em um artigo para o jornal *O Estado de S. Paulo* em 1914, mas foi eternizado no conto “Urupês”, do livro *Cidades mortas*, de 1919. Quando criou o personagem, Monteiro Lobato estava revoltado com os brasileiros que se preocupavam mais com a condição da Europa do que com o interior do seu próprio país.

Em *Cidades mortas* ainda há o conto “O espião alemão”, no qual Lobato ridiculariza quem pensava que o Brasil poderia ser alvo de exércitos estrangeiros, enquanto uma verdadeira batalha acontecia em seus rincões: a luta pela sobrevivência.

É evidente que a lista de prosas ficcionais que tratam do assunto não se esgota nesses títulos. Contudo, como se trata de um acontecimento histórico, é importante destacarmos os livros de não ficção que abordam a Grande Guerra. Com o nome nada original de *A Primeira Guerra Mundial*, temos



obras assinadas por Michael Howard, Lawrence Sondhaus e H.P. Willmott, que trazem uma visão panorâmica do conflito. Focado no início do embate, enquanto estavam sendo decididos os rumos que influenciariam o mundo, há *Canhões de agosto*, de Barbara Tuchman, que alia informações históricas à narrativa literária em um trabalho que valeu o Prêmio Pulitzer de 1963 à autora.

Infelizmente, uma outra obra histórica construída em forma de narrativa ainda não foi publicada no Brasil. Trata-se de *Der Kleine Frieden im Grossen Krieg* (algo como *Um pouco de paz na Grande Guerra*), de Michael Jürgs, que refaz a trégua de quase uma semana entre soldados inimigos para celebrar o natal, enterrar seus mortos, jogar bola e até mesmo trocar alguns presentes. Fosse ficção, provavelmente soaria piegas.

Já com uma abordagem diferente, que dá luz às pessoas comuns, que viveram e sofreram o período, há os relatos contidos em *Vozes esquecidas da Primeira Guerra Mundial*, trabalho de Max Arthur em parceria com o Museu Imperial de Guerra britânico.

Apesar dos exércitos, invasões, balas e mortes, novidades literárias continuavam aparecendo durante a Grande Guerra. E com um detalhe importante: o conflito, de certa forma, influenciou a que, para muitos, é a santíssima trindade literária do século 20: Franz Kafka, Marcel Proust e James Joyce, que, após uma busca de década por quem o editasse, lançou o livro de contos *Dublinenses*, uma de suas obras mais importantes, poucos dias antes de soarem os primeiros tiros. Nele, o escritor traça um retrato da vida dos habitantes de Dublin e apresenta sinais do estilo

## Um dos romances mais importantes a retratarem a Primeira Guerra é *Adeus às armas*, de Ernest Hemingway

que radicalizaria em *Ulysses*. É de se imaginar que algumas pessoas deixassem os assuntos bélicos de lado e preferissem discutir as histórias do irlandês.

Outro título que deve ter sido posto em pauta entre uma opinião ou outra sobre o conflito é *A metamorfose*, um dos trabalhos mais representativos de Kafka, lançado em 1915. A saga do homem-inseto Samsa foi escrita após o início da Primeira Guerra Mundial, que impactou tanto na própria obra – o pessimismo da época, as questões que a modernidade trazia, a desesperança – quanto no autor tcheco, que passava por uma crise emocional agravada pelos episódios de matança.

Completando o trio sacro, já mostramos como a embate aparece no último volume de *Em busca do tempo perdido*, de Proust, mas faltou dizer que a publicação da septologia foi interrompida por conta da luta entre países. *No caminho de Swan* chega às livrarias em 1913, enquanto *A sombra das raparigas em flor* sai apenas em 1919. Apesar da conhecida morosidade da escrita do francês, o lapso entre publicações foi um motivo externo ao autor. A guerra também aparece de forma velada em *Em busca do tempo perdido*, afinal, não haveria como retratar a sociedade de sua época sem levar em conta os efeitos que ela provocou.

Apesar de distantes, não escapamos de novidades que flertam ou se agarram à confusão europeia. Lima Barreto, por exemplo, publica *Numa e a ninfa* e a versão em livro de *O triste fim de Policarpo Quaresma* durante os anos de conflito. Porém, é na poesia brasileira que o combate exerceu uma influência mais direta, em autores dos mais importantes para o movimento modernista no país.

Manuel Bandeira era tuberculoso, por isso, em 1913, mudou-se para a Suíça – iria se tratar por lá. Iria, caso não tivesse que retornar ao Brasil no ano seguinte, por conta do início das animosidades. De volta ao seu país natal, publica em 1917 *A cinza das horas*, sua primeira obra, que sai com uma edição de 200 exemplares custeados pelo autor. Mais evidente é a influência da Grande Guerra em Mário de Andrade, que também em 1917 publicou, sob o pseudônimo de Mario Sobral, *Há uma gota de sangue em casa* poema, livro inspirado pelas barbáries da batalha.

E tudo isso começou, de certa forma, com os tiros de Gavrilo Princip.

## ENTREVISTA

## Benjamin Moser

# “No Brasil, as biografias quase não existem”

Após o sucesso da biografia de Clarice Lispector, o escritor norte-americano está debruçado em desvendar a vida da polêmica pensadora Susan Sontag, falecida em 2004

FOTO: DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Schneider Carpegiani**

**A primeira vez que** falei com Benjamin Moser ele estava em meio à divulgação da sua biografia de Clarice Lispector (1920-1977). Era então um momento limite, em que o escritor passava de pesquisador devotado para se tornar uma espécie de embaixador clariceano, monumento ambulante para a legião de seguidores dessa que permanece sendo um dos nomes mais enigmáticos da literatura mundial. Atualmente, o biógrafo norte-americano está às voltas com outra personalidade feminina chave para entendermos o século 20: Susan Sontag (1933-2004), objeto do seu próximo livro.

A pesquisa em torno da obra de Susan Sontag tem ajudado Moser a compreender a

forma como os Estados Unidos tratam seus intelectuais. “A imagem que eu tenho dela é mesmo MUITO diferente da imagem que se teve nos Estados Unidos: da fria, arrogante, meio francesa Rainha-Imperatriz da Cultura. Os republicanos, que são a pior coisa que tem no nosso país, aproveitaram para atacá-la depois do 11 de setembro. Foi a primeira pessoa vítima desses ataques, mas não, infelizmente, a última. Aproveitaram para calar os nossos intelectuais mais importantes”, comentou o autor em entrevista por e-mail para o **Pernambuco**.

Nessa conversa, Moser falou de como anda a pesquisa para a biografia de Sontag, fala da relação sempre polêmica entre biógrafos e familiares dos seus objetos de pesquisa e da repercussão internacional da obra de Clarice, que sua biografia levou a suscitar.

**No Brasil, tivemos há pouco uma confusa polêmica em relação às biografias, o que colocou em foco a expressão “biografia autorizada”, ou seja: as implicações por trás da palavra “autorizado”. A sua biografia de Susan Sontag, pelo que andei lendo, é uma biografia autorizada. O que a palavra “autorizada” quer dizer para você?**

Neste caso, quer dizer uma coisa muito específica, que tenho a autorização de falar com quem eu quiser e de citar as obras da Sontag sem a interferência da família. Depois de ler a minha biografia de Clarice, eles entraram em contato para pedir que eu fizesse a de Sontag, pois fazia tempo que queriam encontrar um biógrafo. Mas os nossos contratos especificam que eu tenho liberdade total. O filho, por exemplo, tem o direito de ler e comentar o meu manuscrito – mas não de censurar. Isso é uma coisa bem diferente da que fiz com a Clarice (sem autorização, embora com a colaboração da família dela) e é uma coisa bem diferente do que se discutia no Brasil, onde a questão era se todo biografado tem que *aprovar* e até *gostar* de uma biografia antes da publicação. O filho da Susan não é burro. Ele sabe – ele já falou – que não vai gostar do meu livro. Pela mesma razão que as pessoas nunca gostam de se ver em fotos ou de se ouvir na secretária eletrônica. Porque a gente se imagina sempre diferente da maneira dos outros nos verem.

**Na época dessa polêmica das biografias, você chegou a escrever uma carta aberta para um jornal criticando a postura do grupo Procure Saber. Em seu texto, você criticou especificamente Caetano Veloso (“Não seja um velho coronel, Caetano. Volte para o lado do bem. Um abraço do seu amigo, Benjamin Moser”), dizia um trecho da carta aberta publicada na Folha de S. Paulo). Você acha, pelo que conhece do Brasil, que o brasileiro tem mais pudor na hora de**

“ Em Los Angeles fiquei louco de ver Perto do coração selvagem no 7º lugar da livraria mais importante da cidade

**ser biografado, de ter sua intimidade revelada, do que os americanos ou europeus?**

No Brasil as biografias quase não existem. Há certas biografias, mas não há uma tradição de biografias na literatura brasileira, o que tem sido um grande problema para a continuidade e para a divulgação da cultura nacional. Mas não é por pudor. É pelo desejo que muitas pessoas poderosas têm de controlar e de manipular sua imagem. Como eu falei, a liberdade de expressão não existe para proteger elogios porque todo mundo gosta de elogios. Na Coreia do Norte tudo é passível de ser publicado – à condição de que elogios sejam feitos às autoridades. Essas liberdades existem justamente para criticar, para desafiar, e são o fundamento do que é um país livre: um jornalismo sem medo, um espírito crítico desenvolvido. Biografias fazem parte disso.

**O que a imagem de Susan Sontag lhe desperta? Como era sua relação com o pensamento dela antes de começar o processo de pesquisar para essa biografia?**

Na verdade, eu não sabia muito sobre ela. Ou seja, todo americano um pouco formado tem lido certos ensaios dela. E sabia da “celebridade” dela, pois era durante décadas uma das mulheres mais famosas do nosso país. Aliás, famosa num campo em que não havia quase “celebridades”. Não

era uma estrela de Hollywood ou uma bilionária, mas uma pessoa que escrevia sobre coisas muito difíceis, literatura polonesa, filme japonês, até sobre Machado de Assis. Mas quando recebi o pedido – estava inclusive no Rio de Janeiro – comecei a ler, e fiquei maravilhado com a pura quantidade de coisas que aquela mulher fez durante uma vida extraordinária. Estou aprendendo com ela diariamente.

**Susan Sontag sofreu várias retaliações ao criticar os Estados Unidos durante o choque do 11 de setembro, quando ela publicou um artigo afirmando que o país deveria aceitar a responsabilidade pelos seus atos. Como os Estados Unidos hoje enxergam a memória de Sontag? Você acredita que sua biografia pode mudar um pouco a visão das pessoas em relação à Sontag que nós acreditamos conhecer?**

Sim, com certeza. A imagem que eu tenho dela é mesmo MUITO diferente da imagem que se teve nos Estados Unidos: da fria, arrogante, meio francesa Rainha-Imperatriz da Cultura. Os republicanos, que são a pior coisa que têm em nosso país, aproveitaram para atacá-la depois do 11 de setembro. Foi a primeira pessoa vítima desses ataques, mas não, infelizmente, a última. Aproveitaram para calar os nossos intelectuais mais importantes. Até músicos foram atacados por não

apoiar a louca política de Bush, a invasão do Iraque em que morreu pelo menos 500.000 iraquianos...

Hoje, quando relemos as coisas “controversas” que ela falava, paira no ar um choque sim. Mas o choque é que ela não falou nenhuma palavra que não nos pareça completamente lógica. Mas o clima de medo e de nacionalismo histórico que vivemos é difícil, hoje, de imaginar.

**A postura de Susan Sontag, com suas opiniões políticas, com sua sexualidade aberta, sempre foi alvo de polêmicas. Qual a falta que um pensamento como o de Sontag faz em dias como hoje, quando estamos assistindo a uma ascensão do pensamento reacionário em várias partes do mundo?**

Eu ando dizendo que a solução para o mundo – se é que há solução – é o desenvolvimento de intelectuais muito sérios. Se o mundo tivesse mais cinquenta – mais vinte – pessoas como ela, este planeta seria diferente. Pessoas com a capacidade de ver além dos provincianismos, dos políticos que mantêm os povos num estado de quase ignorância, de combater o patriotismo reacionário, o ódio, a vulgaridade. É uma luta de que – pelo menos eu tenho a impressão – quase todos desistiram. No Brasil, por exemplo, desistiram, mas não só no Brasil. Como podemos viver num mundo

“ Mas o choque é que ela (Susan Sontag) não falou nenhuma palavra que não nos pareça completamente lógica

que é só dinheiro, dinheiro, consumo, consumo, um prédio com churrasco e varanda e oito vagas?

**Você está no processo de tradução da obra de Clarice Lispector (a autora está sendo publicada pela prestigiada Penguin Books). Como está a carreira de Clarice Lispector no exterior e a recepção dos seus livros?**

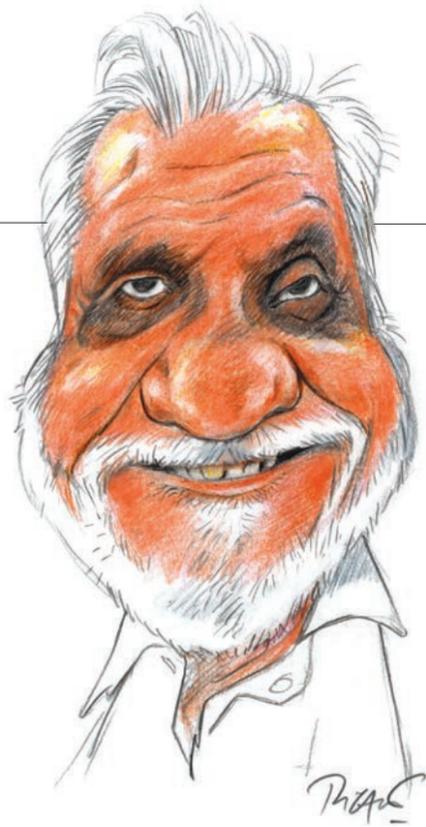
Clarice está bombando e tenho o maior orgulho de ter participado disso. Lancei uma nova tradução de minha biografia e da obra dela na Alemanha em outubro. Em janeiro meu livro e mais cinco novas traduções chegaram à Inglaterra. Está sendo retraduzida na Holanda. E nos Estados Unidos está cada vez mais lida e conhecida. Aqui em Los Angeles fiquei louco de felicidade de ver *Perto do coração selvagem* no #7 dos mais vendidos da livraria principal da cidade. Fiquei bobo.

**Quando eu lhe entrevistei na época do lançamento da biografia de Clarice aqui no Brasil você me falou um pouco do estado de possessão clariceana que esse trabalho lhe trouxe. Da mesma forma como você virou uma espécie de “embaixador de Clarice”, sendo procurado por inúmeros fãs da autora. Como está atualmente sua “relação” com o universo de Clarice? Você em algum momento procurou se afastar dela?**  
Pelo contrário! Para mim é um honra fazer tudo o que tenho feito, que ainda estou fazendo.

Porque uma obra precisa de embaixadores. Precisa de professores, jornalistas, tradutores, biógrafos, atores, para ajudar as pessoas a chegarem à obra. Senão fica perdida. Agora, é verdade que não posso fazer tudo. E fico com a maior sensação de culpa, como aconteceu em janeiro, quando não pude ir a Londres para lançar a nova tradução lá. Mas estou aqui na Califórnia para Susan, e Londres não fica exatamente ao lado. O compromisso que eu tenho é de editar, em boas traduções, toda a obra dela em inglês. Depois poderá caminhar, espero, sozinha.

**Eu li há algum tempo um artigo incrível seu sobre a cantora Chavela Vargas, sobre sua figura forte e enigmática. Chavela poderia ser um futuro projeto seu de biografia?**

Interessante que você fala sobre Chavela. Eu pensei muito em fazer alguma coisa com a Chavela, que era minha amiga e que era talvez a maior cantora da América Latina. Uma mulher vulcânica, tremenda. Mas... e espero que não soe antipático, porque eu a amava. Chavela era uma pessoa muito doce, muito fofa, até. Mas não era, do ponto de vista intelectual, interessante. Não como a Clarice ou a Susan. Era uma mulher do povo, que tinha tido uma vida fascinante, mas não era uma vida de ideias. E afinal das contas são as ideias que me interessam.



## Raimundo CARRERO

# Um romance quântico de vozes e sons

Wellington de Melo recorre à física para escrever livro surpreendente e renovador

**Um livro que não é** um livro, um romance que não é um romance mas um caleidoscópio de narrativas, ou seja – narrativas ou mundos paralelos, é uma prisão mas pretende a liberdade absoluta, assim é – ou parece ser – o romance quântico *Estrangeiro no labirinto*, de Wellington de Melo, numa ousada estratégia formal, que marca a sua estreia em livro no campo da ficção. Na apresentação do texto, a editora afirma, por exemplo são “vozes anônimas que tentam explicar a natureza de um livro que supostamente aprisiona seus leitores, usando conceitos de física quântica, da psicanálise e do ocultismo.”

Para alcançar os efeitos desejados, o autor opta, por exemplo, pela alternância dos tempos verbais, recorrendo a frases que parecem não se completar e recorrem à ajuda da mais próxima. Na abertura, uma frase sem verbo para oferecer um movimento leve e contínuo, sem pausa e sem conclusão – *O livro em minhas mãos agora não mais*. Em seguida, o presente do indicativo, numa mudança radical de imagem, *Do alto da igreja o anjo me observa sob a luz leitosa do poste*. Depois, a incrível marca do imperfeito – o tempo verbal sem tempo, que tanto impressionou Flaubert e Proust –, para desaguar, ainda, num gerúndio, que nem mesmo é tempo verbal. *Dionísio sorrindo através da face desse anjo*. Na verdade, o gerúndio não é tempo verbal, é forma nominal, mas tem o conceito interno de presente do indicativo, pelo que pode conter na sugestão a sorrir – para ser mais claro: sorrindo significa a sorrir, que os portugueses usam com grande precisão. De forma que o a sorrir paralisa a frase, o sorriso começa e termina logo, mas o gerúndio elastece o seu significado, muito próximo, portanto, do imperfeito. Na sequência, um verbo sem força de verbo *O cordeiro de Deus aprisionado na pedra sobre a porta central*. Assim, este começo é, ao mesmo tempo, uma ação e uma descrição. Para prosseguir num série de frases que se estranham e se misturam até se dissolver – *Quero chorar, não há tempo. Falta pouco, eu sei. O vento quase arranha a pele; carícia às avessas; as asas de um pássaro, cascos de algum animal desconhecido em meu pescoço; o asfalto morno do centro da cidade; a terra e o fogo enfim unificados; caminho nessa terra esquecida por um tapete de pelos macios que desaparece a cada passo*.

É claro, um romance difícil, difícilíssimo, que exige atenção redobrada do leitor e uma dose incrível de sensibilidade e de criatividade a cada palavra, a cada movimento. Afinal, o texto vai sendo urdido por diferentes narradores através de cenas que se repetem com pequenas variações. A editora adverte “um livro de difícil classificação, que abarca desde a crítica social à possibilidade de universos paralelos”. Aliás, somente uma editora que não visa, unicamente o lucro, mas considera, em alta escala, a qualidade, tem a coragem de valorizar um livro destes, um grande romance experimental, em que está em jogo a obra de arte, na sua mais alta conceituação.

AP PHOTO/LINDLAR/REPRODUÇÃO



Wellington de Melo integra, a partir de agora, o grande time de reformuladores do romance brasileiro, que vai, digamos, de Oswald de Andrade a Guimarães Rosa, e de Guimarães Rosa a Osman Lins, com a ousadia de investir no arriscado campo da temporalidade da física quântica. Assim, só uma editora deste porte – a Confraria do Vento, poderia investir em obra deste porte.

Quem seria na verdade o personagem central desta intrigante narrativa? O personagem central, por incrível que pareça, são os narradores. A eles

Marco  
Polo

MERCADO  
EDITORIAL

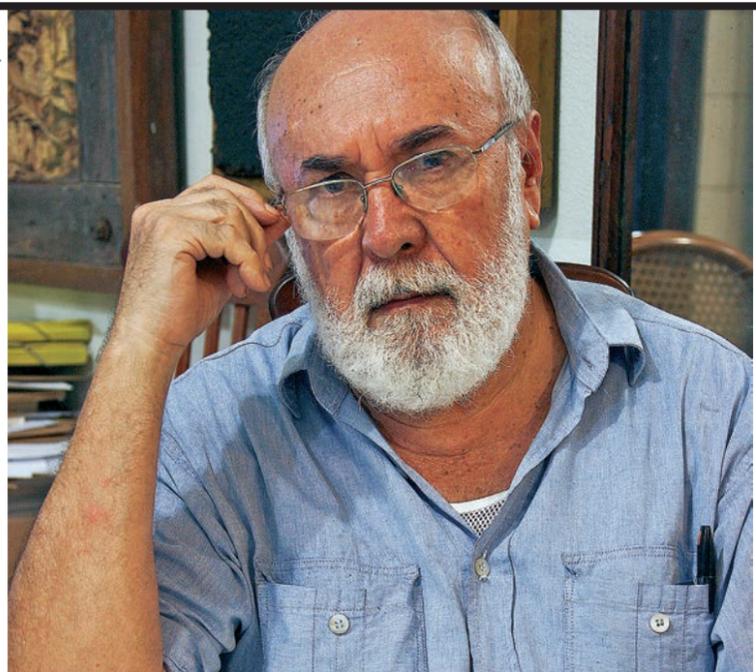
### POESIA 1

#### Montez Magno se reafirma como poeta no livro *Enquanto respiro*, no qual mostra também seu talento como tradutor

Mais conhecido como artista plástico (é um dos precursores da arte contemporânea no Brasil), o pernambucano Montez Magno (foto) vem publicando livros de poemas ao longo de sua vida. O mais recente é *Enquanto respiro* (M&M Editora, 2013), dividido em quatro partes: Uma primeira, sem denominação, seguida de “Poemas cimiteriais”, “Poemas fúnebres” e “Traduções

poéticas”. Apesar de serem títulos (a partir do que dá nome ao livro) que nos levam a pensar em poemas mórbidos ou melancólicos, na verdade englobam poemas luminosos. Em um deles, “Finale”, começa com o verso “Não temo a morte, tenho nojo”. Outra boa surpresa fica por conta das traduções dos textos de autores tão díspares quanto Rimbaud e Leopardi, Montale e Sor Juana Inês, Nerval e Yeats.

FOTO: DIVULGAÇÃO



## CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
- 1.** Contribuição relevante à cultura.
  - 2.** Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
    - a)** A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
    - b)** A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
  - 3.** O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. As páginas deverão ser numeradas.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco  
Presidência (originais para análise)  
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro  
CEP 50100-140  
Recife - Pernambuco



estão entregues os sentimentos, os movimentos, a ação. De forma que nem será preciso mesmo nomeá-los. Não será preciso um nome – “O que é um nome?”, pergunta Shakespeare em *Romeu e Julieta* –, se chamarmos uma rosa de flor, mesmo assim, a rosa continuará sendo uma rosa, e não perderá o seu perfume. Tudo isso parece existir na intimidade deste romance desafiador e em tudo o que nele há de notável. De criador. De renovador.

A flutuação de narradores e de tempos verbais vão criando um tapete narrativo em que, muitas

vezes, as vozes são mais importantes do que os narradores. O estrangeiro não está só no seu exílio, se é que se pode falar em exílio, nestas circunstâncias, ou nas circunstâncias do romance em que nada tem pêlo nem pele, nada tem um tempo e nada se encontra firme e forte. E nem mesmo o narrador em primeira pessoa, que nem mesmo é um narrador ou vários narradores, lembrando aquele burburinho das feiras de que fala Flaubert e que realiza tão bem nos comícios agrícolas de *Madame Bovary*.

### MERCADO

#### Pesquisa mostra que brasileiros estão lendo mais

De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, do Instituto Pró-Livro, de 2012, há 88,2 milhões de leitores no país. São considerados leitores pessoas que leram pelo menos um livro nos últimos três meses. E mesmo o número de leitores tendo diminuído em relação à pesquisa de 2007, 49% dos atuais leitores afirmam estar lendo mais do que leram no passado. O que talvez explique o crescimento das vendas de livros nos últimos anos.

### POESIA 2

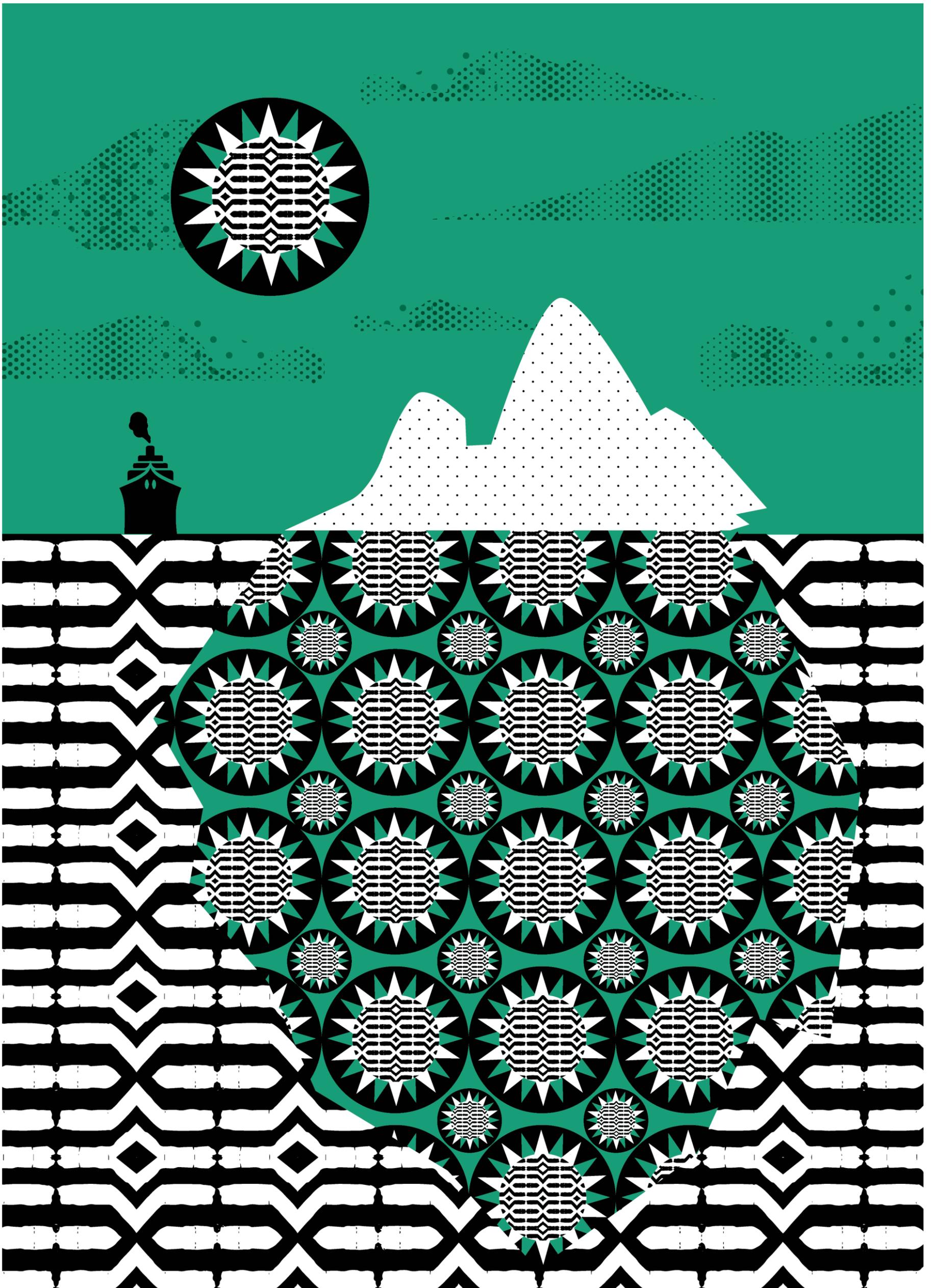
#### A escritora carioca Sonia Sales lança livro de poemas curtos com inspiração na milenar sensibilidade oriental

A carioca Sonia Sales, atualmente radicada em São Paulo, já tem 18 livros publicados, entre poemas, ensaios, crônicas e infantojuvenis. Através da Ysayana Editora ela está lançando *Mar, começo do céu*. São poemas de uma linha cada, dentro da tradição oriental que há muito a fascina. A edição é bilíngue, com tradução dos poemas para o chinês pelo

professor Alexander Chung Yuan Yang, que deles diz: “Fiquei muito admirado com os poemas de Sonia Sales. Ao traduzi-los, não pude deixar de notar a extrema beleza e semelhança de vocabulário utilizado nos da Dinastia Tang (618 a 906 d. C.).” São poemas de grande delicadeza e suavidade, como nos exemplos: “O silêncio é o sonho da solidão”, “Atenta estou ouvindo o som da folha caindo”, “Sinto a aragem do infinito”.

# CAPA

KARINA FREITAS



# Apesar dos mapas, uma turista acidental

Lançamento da obra em prosa de Elizabeth Bishop traz novas “rotas” à autora

Micheline Verunschck

**Eis uma costa; eis um porto.** Esse é o verso inicial de *Chegada a Santos* (ver página 13), poema de Elizabeth Bishop. Verso que demarca o olhar que a poeta americana lança ao Brasil, olhar profuso e por vezes confuso, mas que busca as coisas em sua essência, como declara João Cabral de Melo Neto a seu respeito: “Quem falar como ela falou/levará a lente especial:/ não agranda e nem diminui,/ essa lente filtra o essencial/que todos vemos mas não vemos/ até o chegar a falar dele: o essencial que filtra está vivo/ e inquieto como qualquer peixe./ Não se sabe é a sábia receita/que faz sua palavra essencial/conservar aceso num livro/o aço do peixe inaugural.”

Nascida em Worcester, em 1911, vencedora de vários prêmios, entre eles o Pulitzer de 1956, a poeta Elizabeth Bishop, considerada uma das mais importantes em língua inglesa do século 20, foi marcada por uma vida instável desde a infância. O pai falece quando ela ainda não havia completado um ano de idade e a mãe, desequilibrada emocional, parte para o Canadá, para junto da família, levando consigo a menina. A deterioração do estado mental de Gertrud Bishop determina sua internação numa clínica psiquiátrica da qual não mais sairá. Elizabeth, então com cinco anos de idade, volta aos Estados Unidos e a partir daí será criada pela família paterna. Um retorno, segundo suas próprias palavras, decidido sem sua consulta “a fim de ser salva de uma vida de pobreza e provincianismo, pés descalços, pudins de sebo, lousas escolares anti-higiênicas, talvez até mesmo dos erros invertidos da família de minha mãe”. Nunca mais a menina tornará a ver a mãe.

De saúde frágil, Elizabeth começa a escrever poesia já aos oito anos de idade, época em que estava quase que permanentemente acamada devido a bronquites e outras complicações pulmonares. Os livros são sua melhor companhia. Aos onze anos, através de uma tia, recebe as primeiras instruções sobre como encarar a vida literária, entre esses conselhos, o de aprender a ouvir a crítica, de não se magoar com ela. Não obstante, a vida abastada na casa dos avós, a menina sente-se deslocada. Na crônica *A ratinha do campo*, Elizabeth oferece um panorama arguto do mundo infantil dos primeiros anos do século 20 (ver página 13): as pressões para ser uma boa menininha, a pouca importância para com a opinião das crianças, a falta de tato dos adultos para com as especificidades do pensamento em formação. Com uma descrição minuciosa que não apenas reinventa, mas ficcionaliza as memórias, e a própria vida, a poeta conta do sobressalto que teve, pouco antes de completar sete anos, ao descobrir-se, na sala de espera de um dentista, ela mesma, uma identidade, um ser no mundo:

“Dentro de alguns dias, eu completaria sete anos de idade. Senti que era eu, eu, eu, e olhei para os três estranhos em pânico. Eu era um deles também, com meu corpinho insignificante, meus pulmões que chamavam. ‘Agora você vai ver’, disse algo em mim.

Como que eu fora cair naquela armadilha? Eu acabaria como aquela mulher sentada à minha frente, que de vez em quando me dirigia sorrisos cheios de falsidade. A sensação terrível passou, depois voltou outra vez. ‘Você é você’, algo me disse. ‘Como você é estranha, de dentro olhando para fora. Você não é Beppo, nem a castanheira, nem Emma; você é você e vai continuar sendo você o resto da vida.’ Era como deslizar por uma encosta abaixo, esse pensamento, só que muito pior, e rapidamente ele se chocou contra uma árvore. Por que eu era um ser humano?”

Poeta de forte apelo visual e de poética marcada por metáforas e metonímicas, sustenta também em sua prosa um olhar curioso e atento não apenas a detalhes mínimos e particularidades, que a outro observador talvez pudessem passar despercebidos, mas sobretudo às possibilidades de tradução e subversão desse cotidiano transformado em poesia de alta carga e significância imagética. Nesse sentido, a polifonia barroca e mestiça do Brasil lhe será especialmente sedutora.

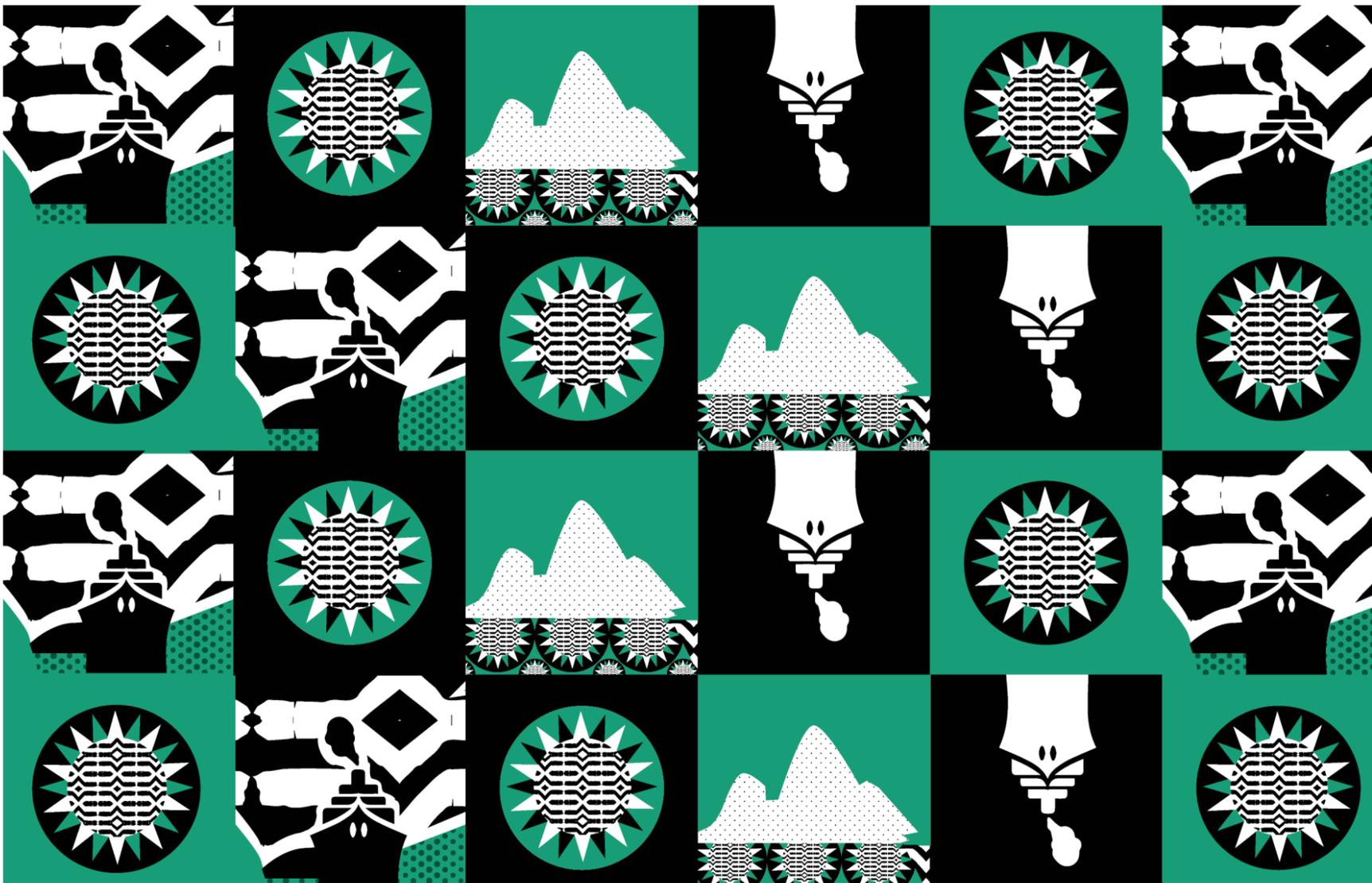
## HISTÓRIAS DO BRASIL

Elizabeth Bishop, turista profissional, praticante fervorosa da deambulação, embarca em Nova York no ano de 1951 no navio mercante SS Bowplat, rumo à América do Sul em busca talvez de “um mundo diferente, uma vida melhor”, como diz em seu poema *Chegada a Santos*. Havia publicado, em 1946, seu primeiro livro, *North & South*, e como tutelada da poeta Marianne Moore, desponta como uma promessa literária a se cumprir. Chega ao Brasil com a intenção de passar duas semanas e permanece por quase duas décadas, consolidando sua carreira literária durante esses anos de permanência no país. Desse período o que talvez ainda seja mais conhecido e comentado são mesmo os dados biográficos, o alcoolismo, o relacionamento amoroso com a paisagista Lota de Macedo Soares, que termina de maneira dramática, o envolvimento turbulento com uma aluna americana grávida. Lota, responsável entre outros projetos pelo Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, pessoa íntima e de confiança de Carlos Lacerda, influenciará, de certo modo, o ponto de vista, sobretudo político, que Elizabeth terá do Brasil. “Talvez o seu conhecimento da política brasileira, como seu conhecimento da língua brasileira, tenha sido simplesmente sem sofisticação”, contrapõe Benjamin Moser no artigo *Elizabeth Bishop’s Misunderstood Brazil*.

Mas esse, de fato, não será senão um interesse circunstancial. O olhar da poeta será seduzido pelas gentes, pelos modos, pelos contrastes tanto sociais, quanto da paisagem brasileira. Convidada pela *Life Time* a escrever sobre o país, publicará o volume intitulado *Brazil*, para a Life World Library Series, uma série de publicações populares voltadas para um leitor de tipo “reader’s digest”. Detestou o resultado final, graças principalmente aos cor-

## CAPA

KARINA FREITAS



tes e legendas impostas pela editora. Em carta à poeta Anne Stevenson, que, em 1964, fazia um apanhado de sua vida e obra para um dos estudos críticos que estava compondo, Elizabeth explica que aceitou a encomenda por razões financeiras e não é nem um pouco indulgente com este livro, o qual “gostaria mesmo de esquecer”: “O texto é mais ou menos meu, mas está cheio de erros de gramática, clichês etc. que eles acrescentaram. Não fui responsável pelas legendas (a maioria das quais totalmente erradas!) nem pelas fotos, embora eu batalhasse para incluir fotos melhores, e consegui que eles publicassem algumas. Mas – imagine um livro sobre o Brasil sem um único pássaro, bicho, borboleta, orquídea, árvore florida etc”.

O Brasil, para a poeta, com suas desigualdades, era “um horror”. Em um dos seus últimos poemas, *Cadela rosada*, de 1979, a imagem de um animal descarnado pela sarna referencia o episódio de uma série de execuções de mendigos no Rio de Janeiro, em 1962, ao mesmo tempo em que assinala a objetificação do indivíduo (que pode ser lida também como a opressão e coisificação da mulher pobre). Esse poema é *O cão sem plumas* de Elizabeth Bishop. Com efeito, em *O cão sem plumas*, de João Cabral de Melo Neto, e *Cadela rosada*, cruzam-se dois rios, o Rio Capibaribe, no Recife, e o Rio da Guarda, no Rio de Janeiro, onde os cadáveres dos mendigos cariados, “flores pobres e negras” eram desovados pelos grupos de extermínio. Cruzam-se também a indiferença da “paz redonda das grandes famílias espirituais” e da alegria mascarada e conivente do carnaval. Mas, mais do que os encontros promovidos pela literatura comparada, cruzam-se mesmo, nos dois poemas, olhares abismados com o absurdo do real. O diálogo com João Cabral merece um estudo mais aprofundado. Embora não gostasse de exercitar a tradução, especialmente por ser uma tradutora mediana da língua portuguesa, Elizabeth traduziu para o inglês além de Cabral, Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector, entre outros.

**CADELA ROSADA**

[Rio de Janeiro]

Sol forte, céu azul. O Rio sua.  
Praia apinhada de barracas. Nua,  
passo apressado, você cruza a rua.

Nunca vi um cão tão nu, tão sem nada,  
sem pelo, pele tão avermelhada...  
Quem a vê até troca de calçada.

Têm medo da raiva. Mas isso não  
é hidrofobia – é sarna. O olhar é são  
e esperto. E os seus filhotes, onde estão?

(Tetas cheias de leite.) Em que favela  
você os escondeu, em que ruela,  
pra viver sua vida de cadela?

Você não sabia? Deu no jornal:  
pra resolver o problema social,  
estão jogando os mendigos num canal.

E não são só pedintes os lançados  
no rio da Guarda: idiotas, aleijados,  
vagabundos, alcoólatras, drogados.

Se fazem isso com gente, os estúpidos,  
com pernetas ou bípedes, sem escrúpulos,  
o que não fariam com um quadrúpede?

A piada mais contada hoje em dia  
é que os mendigos, em vez de comida,  
andam comprando boias salva-vidas.

Você, no estado em que está, com esses peitos,  
jogada no rio, afundava feito  
parafuso. Falando sério, o jeito

mesmo é vestir alguma fantasia.  
Não dá pra você ficar por aí à  
toa com essa cara. Você devia

pôr uma máscara qualquer. Que tal?  
Até a quarta-feira, é Carnaval!  
Dance um samba! Abaixo o baixo-astral!

Dizem que o Carnaval está acabando,  
culpa do rádio, dos americanos...  
Dizem a mesma bobagem todo ano.

O Carnaval está cada vez melhor!  
Agora, um cão pelado é mesmo um horror...  
Vamos, se fantasie! A-lá-lá-ô...!  
[tradução: Paulo Henriques Britto]

A sociedade brasileira, marcada pela externalidade, pelo burburinho solar das cidades, captura a atenção da poeta. Minuciosa em seu movimento descritivo, tanto nas cartas que envia a amigos, como o poeta Robert Lowell, como nas crônicas, ela mesma afirmará que quando começa a descrever é quase impossível parar. Elizabeth descreve conversas, sensações, paisagens com uma voracidade que oscila entre o exercício literário e a etnografia. Suas observações sobre o Brasil são, grande parte das vezes, ríspidas e contundentes, quando não preconceituosas, recheadas de uma ironia quase intratável, muitas vezes mesmo equivocadas. Continua sendo um olhar estrangeiro a despeito de afirmar que somente um colonizado compreende o outro. Influenciada pelo lacerdismo de Lota, não poupará críticas, a maioria dessas compreensíveis, à Niemeyer e Juscelino Kubitschek quando da visita de Aldous Huxley à novíssima capital, Brasília.

Brasília, menina dos olhos de Juscelino e seus partidários, se configura, na pena de Elizabeth, como uma cidade coberta de poeira vermelha, não muito diferente de uma cidadezinha do velho oeste norte-americano, velho-oeste do qual Hollywood compôs, ao longo do século 20, num imaginário bem demarcado mundo afora. A seu ver, nem mesmo a arquitetura de Niemeyer salva a cidade de uma corcunda desoladora. Elizabeth ironiza tanto o comunismo do arquiteto como seu gosto duvidoso para a decoração. Critica que no Palácio da Alvorada, o alojamento para empregados seja subterrâneo e lembra a senzala e o quartinho de empregada dos apartamentos cariocas, vergonhosos marcos arquitetônicos da brasilidade, e dispara: “um arquiteto como Niemeyer – logo ele! – não deveria ter achado necessário pôr os criados no subsolo”.

Mas nem tudo é acidez na relação entre a poeta e o Brasil. Ou não totalmente. É mesmo uma relação marcada pela ambiguidade (como parecemos ter sido todas as relações de sua vida). Mas se as tensões da sociedade brasileira são abominadas por Elizabeth e se é certo que o país é um acidente do afeto, o afeto entre ela e Lota, a encantam a paisagem, o movimento das cidades, a musicalidade, o carnaval, a literatura de cordel, as xilogravuras e uma certa “beleza inesperada” advinda das misturas que compõem o país. Elizabeth Bishop é uma observadora arguta. Não será à toa que Anne Stevenson



a verá mais como artista, que exatamente como apenas poeta. Durante os quase 20 anos que passa no Brasil, prefere a vida no interior e é conhecida a sua frase que diz que “o Rio de Janeiro não é uma cidade maravilhosa, mas uma paisagem maravilhosa para uma cidade”.

Apaixonada por arquitetura, enquanto dura seu romance com Lota, prefere ficar na casa da fazenda Samambaia, na região de Petrópolis (a famosa casa de vidro, que ganhou o prêmio da 2a. Bienal Internacional de 1954). A Casa Mariana, assim batizada em homenagem a Mariane Moore, em Ouro Preto, corresponde a uma segunda fase da vida da poeta no Brasil, já sem Lota, que come-te suicídio em Nova York, tempos depois de um rompimento turbulento. Elizabeth não desiste do Brasil. A Casa Mariana, que a acolherá depois de períodos de estadia nos Estados Unidos, marca o declínio da poeta para quem perder é o exercício de uma arte.

#### EM TORNO DA VIAJANTE

Após o centenário de nascimento de Elizabeth Bishop, e depois de um longo hiato, uma série de publicações e reedições a aproximam novamente do Brasil, graças principalmente ao trabalho de tradução do poeta e professor Paulo Henriques Britto. Ele é responsável, entre outros, pela seleção, tradução e textos introdutórios de *Poesia escolhida*, pela tradução de *Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop* e pela tradução e notas de *Prosa*, compilação de textos da autora (inclusive alguns retirados de *Brazil*) feita por Lloyd Schwartz e publicada em 2011 nos Estados Unidos. Tradutor reconhecido pela excelência do seu trabalho, Britto aparenta-se a Elizabeth no que diz respeito à poética. Ambos fazem uma poesia esmerada em seus recursos formais aliada a uma coloquialidade por vezes desconcertante. Impressiona ainda o mergulho na alma da poeta, alma que se contextualiza histórica e socialmente, que o tradutor empreende. Britto lê o amor e a repulsa que Elizabeth sente pelo Brasil mediados pelo amor e afastamento de Lota. Na introdução aos poemas fala da “inimizade cordial” que a vítima depois do suicídio da ex-companheira: o Brasil que Lota lhe ofereceu lhe é tomado sem piedade pelos amigos que a responsabilizam pela tragédia. Com o trabalho incansável de Britto quem sabe, agora, Elizabeth Bishop possa retornar.

# Eterno olhar estrangeiro

Alguns relances daquilo que a poesia de Elizabeth Bishop conseguiu decifrar do mundo ao seu redor

Traduções de Paulo Henriques Britto

#### CHEGADA EM SANTOS

Eis uma costa; eis um porto;  
após uma dieta frugal de horizonte, uma paisagem:  
morros de formas tão práticas, cheios – quem sabe? – de  
autocomiseração,  
tristes e agrestes sob a frívola folhagem,

uma igrejinha no alto de um deles. E armazéns,  
alguns em tons débeis de rosa, ou de azul,  
e umas palmeiras, altas e inseguras. Ah, turistas,  
então é isso que este país tão longe ao sul

tem a oferecer a quem procura nada menos  
que um mundo diferente, uma vida melhor, e o imediato  
e definitivo entendimento de ambos  
após dezoito dias de hiato?

Termine o desjejum. Lá vem o navio-tênder,  
uma estranha e antiga embarcação,  
com um trapo estranho e colorido ao vento.  
A bandeira. Primeira vez que a vejo. Eu tinha a impressão

de que não havia bandeira, mas tinha que haver,  
tal como cédulas e moedas – claro que sim.  
E agora, cautelosas, descemos de costas a escada,  
eu e uma outra passageira, Miss Breen,

num cais onde vinte e seis cargueiros aguardam  
um carregamento de café que não tem mais fim.  
Cuidado, moço, com esse gancho! Ah!  
não é que ele físgou a saia de Miss Breen,

coitada! Miss Breen tem uns setenta anos,  
um metro e oitenta, lindos olhos azuis, bem  
simpática. É tenente de polícia aposentada.  
Quando não está viajando, mora em Glen

s Falls, estado de Nova York. Bom. Conseguimos.  
Na alfândega deve haver quem fale inglês e não  
implique com nosso estoque de bourbon e cigarros.  
Os portos são necessários, como os selos e o sabão,

e nem ligam para a impressão que causam.  
Daí as cores mortas dos sabonetes e selos –  
aqueles desmancham aos poucos, e estes desgrudam  
de nossos cartões-postais antes que possam lê-los

nossos destinatários, ou porque a cola daqui  
é muito ordinária, ou então por causa do calor.  
Partimos de Santos imediatamente;  
vamos de carro para o interior.

#### A RATINHA DO CAMPO

(trecho)

Havia um cachorro, um Boston terrier que oficialmente pertencia a tia Jenny, cujo curioso nome era Beppo. De início ele me inspirava medo, mas logo me adotou, talvez por ter na casa o mesmo status que eu, e acabamos ficando unha e carne. Era um cachorro inteligente; usava uma coleira larga, com cravos de latão, que lhe era retirada do pescoço todas as noites, antes de ele se deitar. Todos os dias, às oito da manhã, vinha até meu quarto com a coleira na boca e batia com ela na porta, avisando que para nós dois era hora de levantar, vestir-nos e começar o dia juntos. Como a maioria dos Boston terriers, Beppo tinha o estômago delicado; com frequência vomitava. Pulava assustado diante de perigos imaginários, e emitia uns latidos diferentes, agudos, histéricos. Tinha olhos saltados, olhos de vítima de hipertiroidismo, que pediam compaixão e compreensão. Quando ele “se comportava mal”, castigavam-no trancando-o dentro de um armário grande, que dava para a sala de costura, e lá ficava, excluído de todas as atividades, por meia hora. Uma vez eu estava brincando com Beppo e ele desapareceu; não respondia quando chamado. Por fim o encontramos dentro do armário, melancólico, virado para a parede. Estava castigando-se a si próprio. Depois encontramos uma pequena poça de vômito na estufa. É claro que ninguém jamais o punira por sofrer de gastrite; isso era coisa dele, fruto de sua consciência culpada, típica de um bostoniano.

#### NA FERROVIA CHAMADA ENCANTADO

(trecho)

Há várias semanas, o espetáculo mais popular é *Opinião*, título tirado de um samba de Zé Kéti, um compositor negro e favelado. Compõem o elenco Nara Leão, uma das primeiras jovens cantoras de “boa família” já surgidas no Rio, que representa a classe dominante penitente; o próprio Zé Kéti, representante do morro; e um jovem negro do Norte, João Batista do Vale, o trabalhador expropriado que vem para a cidade grande. Os três se encontram, contam suas histórias, cantam, andam de um lado para o outro, sentam-se em caixotes etc., acompanhados por bateria, flauta e violão. Joan Baez e Pete Seeger estão populares agora, e por isso algumas músicas norte-americanas um tanto irrelevantes, espirituais e canções de prisioneiros, também fazem parte do espetáculo. A sentença de morte de Tiradentes, o herói nacional condenado por se rebelar contra Portugal em 1792, é lida em voz alta. Contam-se piadas do tipo: “Vermelho? Essa cor está fora de moda”.

O que é deprimente em *Opinião* para um espectador norte-americano não é a “mensagem” vaga do espetáculo (considerada ousadamente esquerdista no Rio), nem seu amadorismo (que é até encantador), e sim a sensação súbita, melancólica e irreal de *déjà-vu*: é tudo muito parecido com o teatro universitário do início dos anos 1930, com mineiros do Kentucky, punhos cerrados e poses forçadas.

## ENSAIO

# Existem ganhos após essas perdas?

Autores usam a literatura como uma forma de lidar com a dor intensa do luto

Ricardo Viel

JANIO SANTOS SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



*Hay golpes en la vida, tan fuertes... ¡Yo no sé!*  
Golpes como del odio de Dios  
(César Vallejo)

**No dia 14 de maio de 2011** a escritora colombiana Piedad Bonnett (Medellín, 1951) recebeu um desses golpes aos quais César Vallejo faz alusão em seu poema “Heraldos Negros”. Aos 28 anos, Daniel Segura Bonnett, seu filho, lançou-se ao vazio do quinto andar do prédio onde morava em Nova Iorque.

“Renata, minha filha mais velha, me deu a notícia por telefone duas horas depois, com quatro palavras, das quais a primeira, pronunciada com voz vacilante, consciente do horror que desataria do outro lado, foi, está claro, *mamá*. As três restantes davam conta, sem rodeios nem piedosas mentiras, do fato, do dado simples e raso de que alguém infinitamente amado se foi para sempre, não voltará a olhar-nos nem a sorrir-nos”, narra a escritora em *Lo que no tiene nombre* (2013, inédito no Brasil).

“*Mamá, Daniel se mató*”, anunciou a voz do outro lado da linha. Era o início de um processo de luto que culminaria na publicação de um relato que é um testemunho, uma declaração de amor e uma tentativa de responder às perguntas que, “como borboletas enlouquecidas voando em círculos”, pairavam sobre a cabeça da poeta (prêmio Casa de América de 2011) desde aquele telefonema.

“Tomei a decisão de escrever esse livro dois meses depois da morte do Daniel”, me escreve Piedad, de Bogotá, onde mora. “Senti medo, mas soube que uma vez que essa ideia passou pela minha cabeça já não havia mais volta. Eu estava condenada a contar”. Em dez meses construiu uma prosa poética, tão bela quanto triste, onde conta o

calvário pelo qual ela e o filho passaram na tentativa de tratá-lo de uma doença mental. Durante dez anos o pintor Daniel Bonnett, entre altos e baixos, crises e momentos de “vida normal”, conviveu com a esquizofrenia, até que decidiu colocar fim à angústia. Foi vencido pelas vozes e visões que o acompanharam por anos e anos. “Intuí que nossa luta e nossa derrota traziam elementos de força universal que interessariam e comoveriam a muitos leitores”, explica a escritora.

As borboletas em forma de pergunta carregavam questões sobre os últimos minutos de vida do filho: foi uma decisão tomada de impulso ou meticulosamente planejada? O que sentiu no instante final? Sofreu muito? Em quem pensou? Em seu livro, Piedad também se pergunta sobre as razões que a levaram a narrar aquela perda. “Porque contando minha história talvez conte muitas outras. Porque apesar de tudo, da minha confusão e meu desalento, ainda tenho fé nas palavras (...) Mas, sobretudo, porque, como escreve (Juan José) Millás, a escritura abre e cauteriza ao mesmo tempo as feridas”, escreve Piedad nas últimas páginas de seu livro.

Por que contar essa história? Por que transformar a dor pessoal em literatura? Essas indagações o escritor e jornalista Francisco Goldman (Boston, 1954) também teve que responder. Seu argumento é simples e irrefutável. Se fosse alpinista, desafiaria a morte escalando o Everest; mas como é escritor, narrar é sua ferramenta para processar o vivido e sofrido.

No caso de Goldman, o golpe como do ódio de Deus veio do mar, em forma de onda. No dia 24 de julho de 2007, aos 30 anos, sua esposa, a jovem escritora mexicana Aura Estada fraturou a coluna numa praia do Pacífico, e morreu um dia depois



num hospital da Cidade do México. Quando a conheceu, o filho de uma guatemalteca com um estadunidense descobriu que havia chegado aos 50 anos sem nunca ter amado. Veio a paixão, o casamento e os planos de uma vida em conjunto. Até uma absurda onda colocar fim a tudo. “Cada segundo que passa no relógio, tudo o que faço ou vejo ou penso, tudo isso, se compõe de cinzas e fragmentos calcinados, são as ruínas do futuro. A vida que fomos ter, o bebê que fomos ter, os anos que passaríamos juntos, como se essa vida tivesse acontecido há milhares de anos, numa cidade secreta”, escreve em *Say Her Name* (2011, inédito no Brasil). Embora repita que seu luto foi feito nas terapias e reforce que escrever não lhe trouxe nenhum alívio (“escrevi num absoluto estado de loucura”), Goldman passou três anos revivendo e escrevendo sua história de amor e de perda. “Ou escrevia ou me entregava ao abismo”, resume.

O processo de luto de Francisco Goldman foi longo e doloroso. O escritor foi diagnosticado com graves transtornos mentais, alucinações e depressão. Durante meses esteve entregue, alcoolizado e flertando com a morte. Até que despertou em um hospital, sem saber muito bem de onde vinha os ferimentos que trazia. Decidiu que, em memória da ex-mulher, iria viver com dignidade. “Senti que tinha que fazer algo belo para a Aura, ela era muito exigente”, relata. Além da busca por explicações, seu livro é também um tributo ao ser amado, com quem mantinha uma relação amorosa e literária. “Quero minha amiga de volta, pensei, falávamos através de sinais e formávamos uma grande equipe. Talvez eu esteja farto de que as pessoas não entendam como é tudo isso, ainda que não desejo

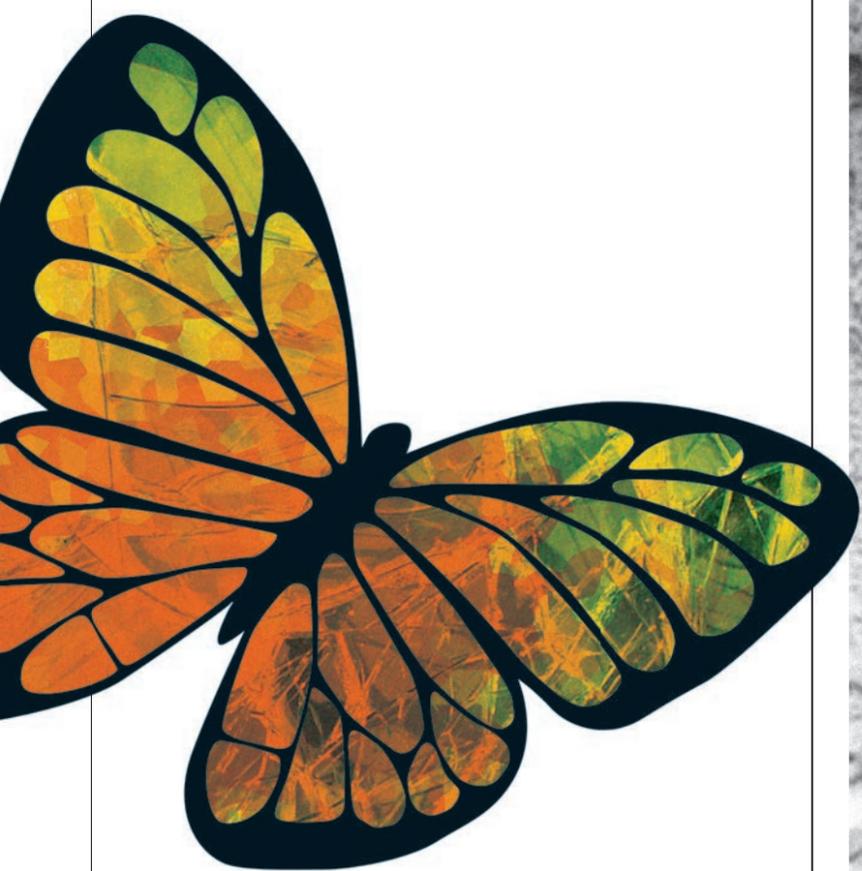
*“Como não tive filhos, o mais importante que aconteceu na minha vida foram meus mortos”, afirmou Rosa Montero*

a ninguém ter que vivê-lo. Apaguei o cigarro da Aura e acendi outro. Não a soltes, se a tens. Não a soltes, pensei, esse é meu conselho para todos os vivos. Aspirá-la, coloca teu nariz em seus cabelos, aspirá-la profundamente. Diz seu nome. Sempre será seu nome. Nem sequer a morte pode arrebatá-lo. O mesmo nome, tanto viva quanto morta, para sempre. Aura Estrada”, anota no capítulo que dá nome a seu livro. No ano passado entrevistei Goldman e uma das últimas perguntas que lhe fiz foi se já se sentia “recuperado”, se sentia que seu processo de luto havia chegado ao fim. Sua resposta foi uma das coisas mais devastadoras que escutei na vida: “O amor que tive com Aura é parte de mim. Estou tranquilo agora, bem, mas

ainda há momentos horríveis, desses em que, de repente, lembro-me da chegada da onda, da morte, e estou cheio de incredulidade. Não pode ser, não é possível. O corpo se enche de adrenalina, e você chora. Isso pode acontecer a qualquer momento, e isso também fará parte de você, para sempre.” A morte de Aura Estrada, assim como o amor que construíram, é algo impossível de ser apagado da vida de Francisco Goldman. Foi o que ficou para mim daquela entrevista.

“Como não tive filhos, o mais importante que aconteceu na minha vida foram meus mortos, e com isso me refiro à morte dos meus seres queridos”. São as palavras iniciais de *La ridícula idea de no volver a verte* (2013, inédito no Brasil), da espanhola Rosa Montero (Madri, 1963). O livro, como os anteriormente citados, é um híbrido entre o testemunho e o romance; um relato onde se entrecruzam o diário da polaca Marie Curie, uma brilhante e revolucionária cientista do início do século passado (duas vezes prêmio Nobel, de Física e de Química), com as reflexões da escritora espanhola. Em comum ambas tiveram que enfrentar a perda de seus companheiros de décadas. Curie narrou seu processo de dor num diário escrito durante um ano. Montero partiu do texto íntimo da cientista para criar seu relato, que termina por ser uma homenagem a essa genial mulher que há um século enfrentou preconceitos e desconfianças; ao mesmo tempo, é um texto permeado pelo reflexo de – e pela reflexão sobre – uma perda. “Os humanos não sabemos o que fazer com a morte. Grande impensável manejável cruel horrível. Assim que, como não sabemos o que fazer, fabricamos túmulos, dólmenes, necrópoles megalíticas, pirâmides,

## ENSAIO



sarcófagos, panteões, túmulos coletivos, túmulos individuais, sepulturas, monumentos memoriais, lápides, criptas, nichos, ossuários, solenes cemitérios. O tempo, o dinheiro, o esforço e o espaço invertidos em construir para os mortos teria podido melhorar bastante a vida dos vivos. Ainda que, se pensarmos bem, o que importa? Esses vivos não eram mais do que projeto de cadáveres.”

Não sabemos, nunca saberemos o que fazer quando perdemos alguém que era parte de nós. Ao reconstruir uma vida que já não existe os literatos travam uma batalha não contra a morte, que é invencível, mas contra o esquecimento. Piedad Bonnett conversou com amigos e namoradas de Daniel porque queria conhecer melhor o filho, queria retratá-lo bem. Goldman quis recuperar a infância de Aura, a parte da vida da amada que não pôde conhecer. Montero também se preocupou com quem foi seu marido antes de que o fosse. “Desde que morreu (Pablo Lezcano) não só tenho saudade da sua presença, seguir vivendo com ele e vê-lo envelhecer, senão também sinto falta de seu passado. As muitas vivências que eu não conheci”, escreve.

Além de querer saber quem foi a criança Aura Estrada, Goldman também se perguntou sobre o possível futuro de sua amada. “Era meu destino entrar na sua vida quando o fiz ou me enfiar onde não devia e torci seu caminho predestinado?” Aura deveria se casar com alguém mais ou menos da sua idade (tinham quase 25 anos de diferença), de repente um colega da universidade ou o rapaz que sempre a olhava no restaurante, se pergunta Goldman. Terá sido ele a onda que matou Aura, questiona-se. Um dia, no “primeiro outono depois da morte de Aura”, o escritor saiu para dar um pas-

seio, parou para esperar que um semáforo abrisse e viu uma senhora bastante velha do outro lado da calçada. De repente, o peso do mundo caiu sobre sua cabeça. “Era a típica anciã com os cabelos brancos e bem penteados. Estava um pouco encurvada e a expressão pálida do rosto era doce e suave (...) A ideia foi como uma bomba silenciosa: Aura nunca chegaria a saber o que significa ser velha, nunca chegaria a ver a vida em retrospectiva. Pensei no injusto daquilo e na adorável e satisfeita velhinha que, com toda certeza, Aura estava destinada a ser”.

Nos relatos aqui citados fala-se dos cheiros, das imagens e das situações cotidianas que funcionam como detonador para destapar as lembranças e demonstrar que, como escreveu Mario Benedetti certa vez, o esquecimento está cheio de memória. “Quando morre alguém com quem conviveu muito tempo, você não só fica tocado de uma maneira indelével, senão também o mundo inteiro fica tingido, manchado, marcado por um mapa de lugares e costumes que servem de disparador para a evocação, amiúde com resultados tão devastadores como o estourar de uma bomba”, anota Rosa Montero. “E assim um dia você está vendo com toda tranquilidade uma revista vira uma página e zás, dá de frente com a fotografia de uma das maravilhosas igrejas de madeiras medievais da Noruega, sim, aquelas incríveis construções rematadas por dragões que mais parecem saídas de um passado viking que cristão. E você esteve ali com ele naquela viagem deliciosa”.

O esquecimento é fundamental para sobreviver à perda. Ninguém suporta recordar a todo momento quem já não está, é peso demasiado grande para ser carregado por muito tempo. Uma das funções

JANIO SANTOS SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



da memória é esquecer, dizem os psiquiatras. Um processo de luto bem sucedido – se é que se pode falar em sucesso, em certo e errado nesses casos – é aquele em que as lembranças do ser que se foi não são demasiado constantes e, quando aparecem, não vêm acompanhadas de angústia, dor e vazio. Francisco Goldman conta que uma das receitas que melhor serviram para tentar cruzar a penumbra foi a de um humilde mexicano que lhe recomendou “uma certa resignação” diante do ocorrido. Muitas vezes a vida é incompreensível. Aceitar pode ser a saída para superar, como explica Rosa Montero. “Já digo que a recuperação não existe: não é possível voltar a ser quem eras. Existe a reinvenção, e não é má coisa. Com sorte, pode ser que consiga se reinventar melhor do que antes. A fim de contas, agora você sabe mais”.

#### A RIDÍCULA IDEIA

Encontrar alguma coerência, alguma explicação, parece ser esse um dos – talvez o principal – motivos que levam alguém a escrever sobre a dor que enfrenta. Goldman e Bonnett contam que devoraram dezenas de manuais, ensaios e romances que falavam da morte. “Mas como é possível que não esteja? Essa pessoa que tanto espaço ocupava no mundo, onde se meteu? O cérebro não pode compreender essa desapareição para sempre. E que demônios é *sempre*? É um conceito que não é humano (...) Não vê-lo nunca mais é uma piada de mau gosto, uma ideia ridícula”, escreve Rosa Montero. Piedad Bonnett também sentiu-se inundada de descrença. “A sensação, abrumadora, é de estranheza, de incredulidade. Posso ser eu essa pessoa que viaja para enterrar um filho? Sim, Piedad. É

*“Já digo que a recuperação não existe: não é possível voltar a ser quem era. Existe reinvenção”, aponta Rosa Montero*

um fato. Aconteceu. E nunca palavras tão precisas soaram tão irrealis.” Goldman é ainda mais direto, mas não menos lacerante. “Tudo isso está de verdade acontecendo, meu amor? De verdade estou de volta ao Brooklyn sem você?”

Os manuais sobre o luto explicam que essa reação, essa incredulidade diante do ocorrido, são os sintomas da primeira fase do processo desencadeado por uma perda: a negação. O ser querido deixa de existir, mas o mundo segue girando, constatou Piedad Bonnett. “Teu filho morreu e deves fazer as malas e viajar até onde está seu cadáver”. E tomar decisões como se doar ou não os órgãos, e o que fazer com o corpo. A opção que a colombiana e a família fizeram foi pela cremação porque, como

disse Javier Marías – e o cita Bonnett –, “não há nada mais triste que um túmulo que não recebe visitas”. As cinzas foram lançadas num parque em Nova Iorque. Os rituais são necessários, explica Rosa Montero: “Sim, há que fazer algo com a morte. Há que fazer algo com os mortos. Há que colocar-lhes flores. E falar com eles. E dizer que os amamos e que sempre foram amados. Melhor dizer ao vivo; mas, se não, também podes dizer depois. Podes gritar para o mundo. Podes escrever um livro como este”. Escrever um livro para vomitar o que se sente. “Por fim tive a oportunidade de tocar com meus lábios a linda orelha de Aura para agradecê-la pelos anos mais felizes da minha vida e para dizer que nunca deixaria de amá-la. (...) Beije sua bochecha que já era como argila fresca. Meus soluços devem ter sido ouvidos por todo o hospital”, anota Goldman.

O que fazer quando um desses golpes que “abrem vales escuros nos mais ferozes rostos e nos lombos mais fortes”, como escreveu Vallejo, nos atinge? A receita dos literatos é a literatura. Ler e escrever sobre o incompreensível, desafiar o indizível, e produzir arte. Apesar da dor, encontrar beleza na morte. Fazer da perda algo mais do que a angústia, o desespero, a simples crueldade. “Eu sempre soube que a dor era capaz de engendrar enorme beleza”, me diz Piedad, “e que a arte sempre se alimentou dela. Foi o que eu quis fazer”, acrescenta. “Os humanos nos defendemos da dor sem sentido adornando-a com a sensatez da beleza”, escreve Rosa Montero em seu livro. Uma beleza trêmula, completa a escritora. “Como uma velha borboleta batendo lentamente umas asas que se desfazem no ar”.

# HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



**Assine.**  
Revista Continente.  
Conteúdo é tudo.

**0800 081 1201**

e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



**O COMPUTADOR QUE QUERIA SER GENTE**  
Homero Fonseca

Certo dia, Joãozinho, um garotinho de 10 anos, e Ulisses, seu computador, decidem trocar de lugar por 24 horas. A máquina queria saber como é ser um humano, por pensar que teria toda liberdade que quisesse.

R\$ 30,00



**O DIA EM QUE OS GATOS APRENDERAM A TOCAR JAZZ**  
Pedro Henrique Barros

Com esta narrativa impactante o carioca Pedro Henrique Barros venceu o Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil de 2011, na categoria juvenil.

R\$ 35,00



**CONTRATO COM VAMPIROS**  
Délcio Teobaldo

*Contrato com Vampiros* retrata a curiosidade da personagem sobre a verdadeira identidade de um garoto que se apresenta como vampiro. Indicada para os amantes do sobrenatural, a obra foi escrita pelo mineiro Délcio Teobaldo e ganhou ilustrações do paraibano Shiko.

R\$ 40,00



**O FOTÓGRAFO**  
CLÁUDIO DUBEUX

Álbum que reúne fotografias tiradas pelo empresário, industrial do açúcar e fotógrafo amador. Possui um rico acervo documental da expansão da malha ferroviária do Nordeste e do cotidiano das famílias recifenses do século 19.

R\$ 95,00



**OS ESCORPIÕES**  
Gastão de Holanda

O livro narra o relacionamento de um grupo de adolescentes no Recife nos anos 1930. São jovens sérios, preocupados com a cultura e os sentimentos. Seu processo de amadurecimento perpassa toda a trama.

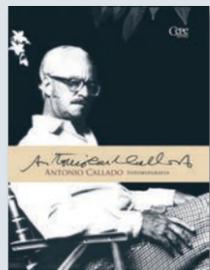
R\$ 40,00



**EMISSÁRIOS DO DIABO**  
Gilvan Lemos

Em *Emissários do Diabo* o conflito pela posse da terra é o centro do enredo e o que move todas as paixões. O personagem central é Camilo Martins, que cultiva uma pequena propriedade perto da fazenda do seu tio, Major Germano.

R\$ 25,00



**ANTONIO CALLADO FOTOBIOGRAFIA**  
Ana Arruda Callado (Org.)

Organizado por Ana Arruda Callado, viúva do biografado, *Antonio Callado Fotobiografia* percorre toda a trajetória do escritor, dramaturgo e jornalista, numa sucessão de textos curtos e saborosos.

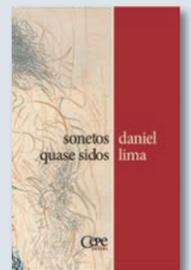
R\$ 90,00



**CRÔNICAS**  
Joca Souza Leão

O ex-publicitário Joca Souza Leão, ao aposentar-se, descobriu-se um cronista de mão cheia, que aborda tanto o cotidiano quanto os problemas da cidade, sempre com um toque de inteligência, ironia e bom humor.

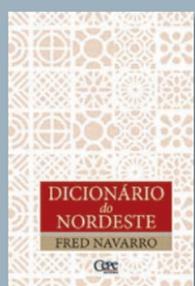
R\$ 50,00



**SONETOS QUASE SIDOS**  
Daniel Lima

“Como serei depois de quase um ano de morto, e, ainda muito mais, mortíssimo?”. Questões que nem todo mundo tem coragem de encarar, prendem a atenção do leitor nas páginas de *Sonetos quase sidos*, o novo livro do padre-poeta Daniel Lima.

R\$ 40,00



**DICIONÁRIO DO NORDESTE**

*Dicionário do Nordeste*, do jornalista pernambucano radicado em São Paulo, Fred Navarro, é fruto de 21 anos de minuciosa pesquisa. A obra reúne em suas 711 páginas mais de dez mil verbetes e expressões usadas em todos os estados da região e nasceu da necessidade de “traduzir” para os colegas certos termos normalmente empregados por ele em seu dia a dia nas redações paulistas. O livro tem prefácio do gramático Evanildo Bechara, da Academia Brasileira de Letras.

R\$ 70,00



**A EMPAREDADA DA RUA NOVA**

Livro mítico da literatura pernambucana, *A Emparedada da Rua Nova*, escrito por Carneiro Vilela, deve seu sucesso, em grande parte, ao mistério que cerca sua criação: o autor teria retratado um crime verdadeiro e hediondo, em que uma moça indefesa fora emparedada viva, pelo próprio pai, “em defesa da honra da família”? Ou teria Vilela, usando recursos estilísticos de grande qualidade, criado a estória que, de tão bem construída, faz com que até hoje muita gente acredite que ele se baseou em fatos reais?

R\$ 45,00

**Cepe**  
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** [livros@cepe.com.br](mailto:livros@cepe.com.br)

# INÉDITOS

## Antônio Xerxes

### A base de um equívoco

**Uma fantasia constante** minha – fantasia, esta, que aparecia com frequência em sonhos, geralmente quando eu adormecia no sofá, cedendo à exaustão, sem planejar dormir – envolvia conhecer as pessoas que me contratavam. As vozes que entravam em contato comigo por telefone, vozes femininas e masculinas, vozes grossas ou finas, oscilantes ou seguras, jovens ou anciãs, no início eu pensava que o portador dessa voz era quem encomendava a morte de alguém. Mas quem deseja alguém enterrado para sempre não pede por telefone, nem ao vivo. Nunca se exporia de tal modo. Não quando o vivo que em breve estará falecido é considerado importante por alguém mais do que a ex-mulher ou o ex-marido. De jeito nenhum. Alguém mandava na voz. E talvez alguém mandasse em quem pede para a pessoa da voz fazer o telefonema. E assim por diante, numa escada em espiral rumo a um topo que está acima das nuvens.

Nos meus sonhos e delírios diários não era diferente. Conhecia a pessoa que encomendava mortes, e tinha algo de sagrado nessa pessoa. Não era Deus na representação mais caricata – um velho barbudo nos céus – mas havia um quê divino no ser, uma iluminação.

Isso nos sonhos bons. Nos pesadelos, eram figuras imateriais, alguém que, se eu tentasse tocar, sua carne se revelaria feita de poeira cósmica, sombra e escuridão, pessoas cujas bocas se alargavam na vertical e soltavam ganidos ou urros. Por isso eles precisavam de alguém para telefonar. Súditos para pesquisar o currículo dos assassinos e descobrir quem era ideal para aquele trabalho. E, como aprendi cedo na vida, eu era ideal para boa parte dos trabalhos. Talvez para o caso de Orson Welles eu não fosse a ideal, mas acharam que eu era, e é isso que importa. A história da humanidade é construída com base nesse tipo de equívoco.

E eram as figuras fugazes, feitas de sombra ou de material divino, que comandavam nosso mundo. Em *O terceiro homem*, filme de Carol Reed estrelando Orson Welles, um filme tão bem dirigido que todos achavam que o cineasta por trás da obra era o próprio Welles, e não Reed, Orson vive um personagem que é esse tipo de figura.

(...)

Os cinéfilos sempre se recordam da cena do passeio na roda gigante, onde o detetive interpretado por Joseph Cotten confronta o vilão Harry Lime, o personagem de Welles. Ali, Welles expõe seu ponto de vista. Do alto da roda gigante, os dois observam as pessoas lá embaixo, pequenos pontinhos, insignificantes como formigas que caminham sobre a toalha de piquenique, facilmente apagáveis. Pessoas que podem morrer e nada irá mudar. A sensação de que você está no alto, acima de todos, e pode encomendar o fim da vida de qualquer um daqueles pontos, pois não passam de pequenos círculos pretos caminhando sem rumo aparente.

Quando descem da roda gigante, Cotten está escandalizado pela visão de mundo do amigo. E Orson Welles – a pessoa, não o personagem – adicionou ao roteiro uma frase que se tornou famosa. O personagem afirma que, durante os trinta anos de guerra e violência sob o reinado dos Bórgias, a Itália produziu grande arte: Michelangelo, Leonardo da Vinci... toda a Renascença. Enquanto isso, em séculos de paz, tudo que os suíços inventaram foi o relógio cuco.

O pensamento do personagem de Orson – que surgiu da cabeça de Orson, como disse – parece cruel, mas se comprova brutalmente no decorrer da história. Quantas obras impressionantes no cinema e na literatura surgiram dos piores conflitos? Até mesmo a Segunda Guerra, que diziam ser a morte da experiência, se revelou uma fonte inesgotável de ficções e não ficções pungentes. De arte, em resumo. A arte parece surgir sempre nos momentos de horror, desespero, ou apenas de privação. Uma mente tranquila não produz arte. E, no entanto, quem, em sua consciência, gostaria que a Segunda Guerra se repetisse? E, no entanto, quem deixará de se emocionar com as imagens de uma Viena arruinada em *O terceiro homem*?



# INÉDITOS

## Poemas de Lonely Christopher

Traduzidos por Rubens Akira Kuana

### Sonho Opressor

eu sou o pequeno menino holandês  
no ramo de uma árvore de tília  
ninguém me ama eu estou  
tão só.

### Crush Dream

*I am the little Dutch boy  
in the branch of a linden tree  
Nobody loves me I am  
so lonely.*

### Eu Sinto Muito

um menino em um terno *prêt-à-porter*  
até a cintura em uma lúgubre lagoa  
mãos nos bolsos e  
encarando um cisne  
nadando na superfície  
d'água a cor fulva  
do céu invernal.

### I'm Sorry

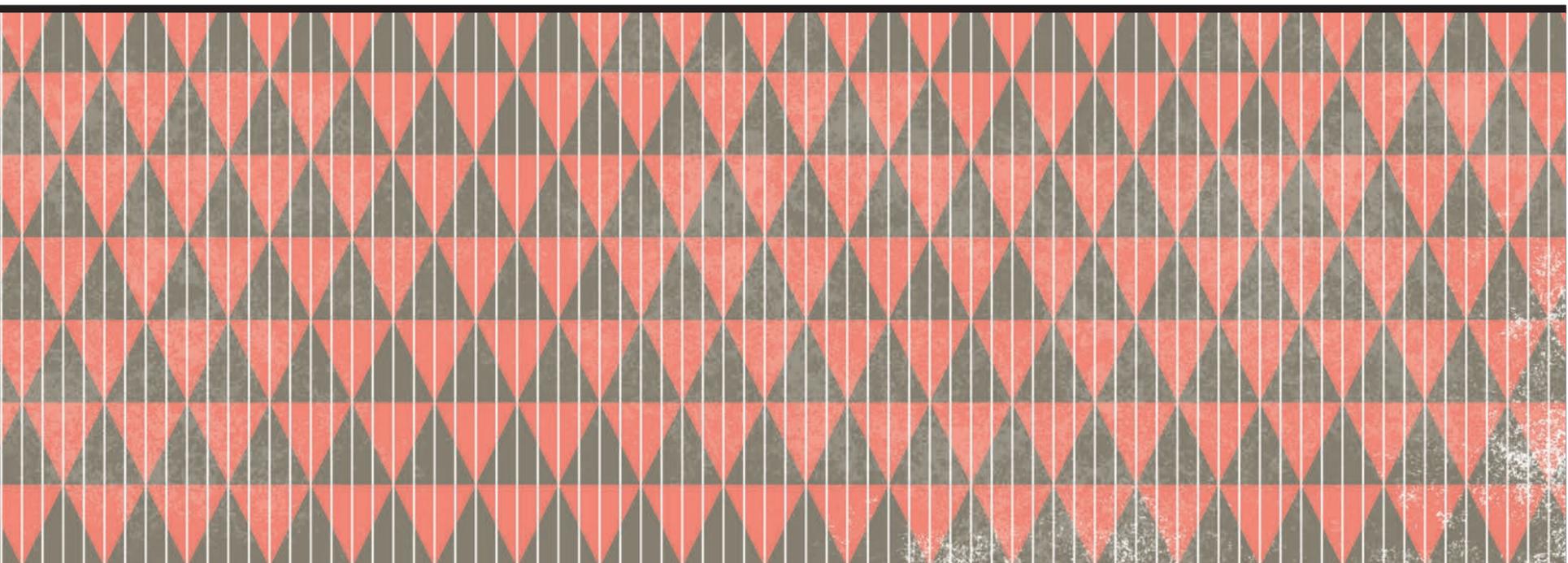
*A boy in an off-the-rack suit  
waist deep in a lurid pond  
hands in his pockets and  
staring at a swan  
swimming on the surface  
of the water the tawny color  
of the winter sky.*

### Narciso de Junho

Eu escreverei poesia enquanto você morre  
E então morrerei  
E a poesia escreverá a si mesma.

### June Narcissus

*I will write poetry while you die  
then I will die  
then poetry will write itself.*



## Silencioso Leviatã

Emoções são inadequadas, motivo pelo qual funcionam.  
 O que eu suplico em minha pilhagem quando o final  
 do dia emerge da minha destilada e fria face.  
 Não devo confiar em palavras, aquela deve ser a coisa  
 dentro do ginásio um tipo de insondado trompete que  
 acabei de deixar crasso e submisso em meu ato  
 enquanto afogava no salgado lago de tremendo plágio.  
 Utilizar as palavras, resolver minha egoísta calúnia  
 expressando o tempo que levo para me levantar de manhã  
 e colocar meus óculos. Ó, desastre divino, dificilmente  
 há inteligência humana que corrija o preço.  
 Há apenas a imagem do que eu quero feito  
 e existido, palpitando na memória do que  
 altivo não me atrevo a falar e que educado na  
 embaraçosa linguagem do si não consigo compor melodia.

## Quiet Leviathan

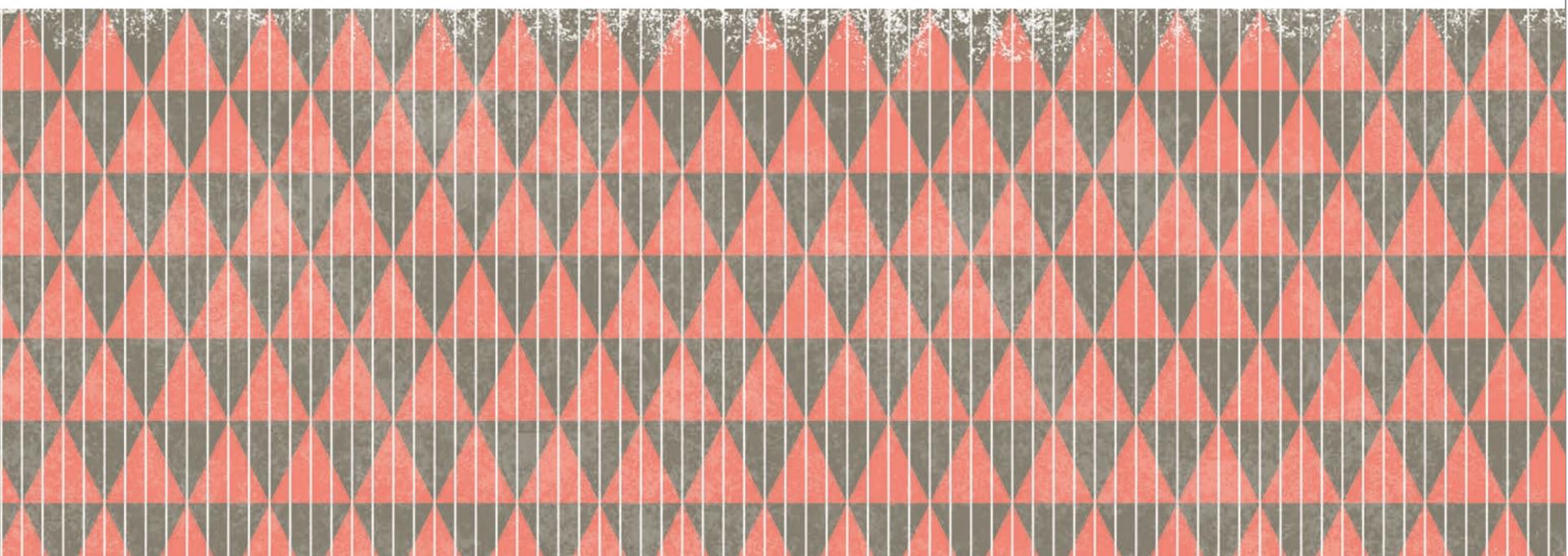
*Emotions are unsuitable, which is why they work.  
 What do I pray for in my pillaging when the end  
 of the day emerges from my cold and distilled face.  
 I must not trust words, that must be the thing  
 the gym inside a kind of unsounded trumpet that  
 I just let lie crass and submissive in my act as I  
 drown in the salt lake of tremendous plagiarism.  
 To use the words, to solve my egoistic calumny  
 meaning the time it takes me to get up of mornings  
 and put on my specs. O, godlike disaster, there is  
 hardly any human cleverness to rectify the price.  
 There is only the image of what I want to be done  
 and have existed, throbbing in the memory of what  
 prideful I dare not speak and what educated in the  
 embarrassing language of self I can't make a tune to.*

## Um Fofo Cachorrinho

eu devo dedicar este tanto  
 do meu cérebro  
 para ser socialmente/  
 economicamente retardado  
 ou então não há maneira  
 que eu possa, você sabe,  
 fazer arte;  
 um fofo  
 cachorrinho late e desafia  
 um pedaço de brócolis solto no chão.

## A Tiny Fluffy Puppy

*I must dedicate this much  
 of my brain  
 to being socially/  
 economically retarded  
 or else there's no way  
 I could, you know,  
 make art;  
 a tiny fluffy  
 puppy barks at and challenges  
 a piece of broccoli lying on the floor.*



## RESENHAS

REPRODUÇÃO



## Sobre a erosão e a reconstrução que marcam o tempo

Em seu novo livro, *Miserere*, Adélia Prado chega com uma ótima seleção de novos textos

Schneider Carpegiani

O título do livro novo de Adélia Prado, *Miserere*, é extraído da expressão latina “miserere nobis”, da liturgia católica, e implica num “tende piedade de nós”. É compreensível. A obra é uma longa conversa da poeta com Deus, mas jamais um diálogo pacífico: é contraditório, cheio de brechas, dúvidas, como tudo aquilo que envolve devoção (e devoção é jogo de poder, é altar, ainda que pagão). É preciso ir além nessa perspectiva: a palavra “católica”, que sempre é colada ao trabalho da escritora mineira, muitas vezes é confundida com uma possível perspectiva apaziguadora latente em sua literatura. Trata-se de um erro que deve ser evitado.

Adélia toma a ideia do catolicismo a partir da sua fixação por imagens, pelo drama humano, pela obsessão diante da carne que precisa ser castigada e exaltada e pela possibilidade de algum perdão, ainda que jamais definitivo.

No poema “Distrações no velório”, enquanto observa a morta à sua frente durante uma noite inteira, repensa o sentido e a falta de sentido das coisas, para concluir: “Vou fazer um retiro, minha glicose subiu/ e mesmo com comprimido demoro a pegar no sono./ Deus, tem piedade de mim./ Peço porque estou viva/ e sou louca por açúcar”. Nada mais católico, ou cristão, do que esse olhar para cima sabendo onde os pés precisam se apoiar. Açúcar é sublime, porque carne e tentação.

Um pouco mais à frente, nos oferece uma observação de si própria sem qualquer quietude: “A alma se desespera, / mas o corpo é humilde; / ainda que demore, / mesmo que não coma, / dorme.”.

Nessa conversa sobre perdas e ganhos com Deus, a questão da passagem do tempo é tratada não com ironia, mas como o inevitável que simplesmente está

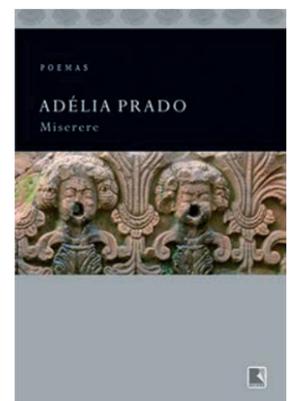
à frente e não pode ser desviado: “Minha mão tem manchas, / pintas marron como ovinhos de codorna. / Crianças acham engraçado/ e exibem as suas com alegria, / na certeza – que também já tive –/ de que seguirão imunes./ Aproveito e para meu descanso/ armo com eles um pequeno circo./ (...) Não perturbe inocentes, pois não há perdas/ e, tal qual o novo, / o velho também é mistério”.

A condição feminina também não é esquecida, em versos como: “Eu sou uma mulher sem nenhum mel / eu não tenho um colírio nem um chá / tento a rosa de seda sobre o muro / minha raiz comendo esterco e chão. Quero a macia flor desabrochada / irado polvo cego é meu carinho. / Eu quero ser chamada rosa e flor / eu vou gerar um cacto sem espinho.”

Formado por 38 poemas, *Miserere* traz um dos melhores

momentos de Adélia que, às vésperas de completar 80 anos (em 2015), se estabelece como uma das vozes mais potentes e criadoras de significado da literatura brasileira.

A autora a atravessar desertos e, ao contrário do milagre cristão, nos lembra de que água tanto pode virar vinho quanto voltar ao seu estado original. Isso sim é humano. E divino.



POESIA

*Miserere*

Autora - Adélia Prado

Editora - Record

Preço - R\$ 25,00

Páginas - 96

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

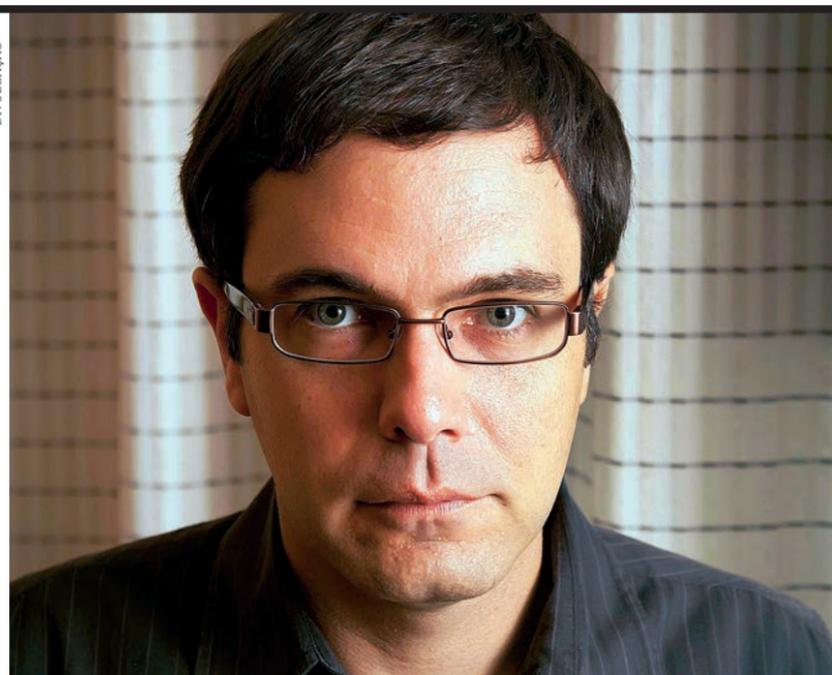
### CLISERTÃO

Segunda edição de festival leva nomes importantes da literatura para Petrolina, no começo do mês de maio

Está confirmada a segunda edição do *Clisertão*, festival de literatura que acontece em maio, em Petrolina, no sertão pernambucano, entre 5 e 10 de maio. Segundo o coordenador do evento, o escritor Wellington de Melo, um dos convidados já confirmados é o pernambucano José Luiz Passos (foto), professor da Universidade da Califórnia e ganhador do mais recente Portugal Telecom, pelo romance

*O sonâmbulo amator*. Essa vai ser a primeira vez que o autor irá falar sobre seu premiado livro. Estão confirmados ainda os nomes de Sidney Rocha e do escritor angolano Abreu Paxe. A primeira edição do *Clisertão* aconteceu em 2012 e contou com uma ótima recepção do público local, com presença de nomes como Ronaldo Correia de Brito e Ariano Suassuna.

DIVULGAÇÃO



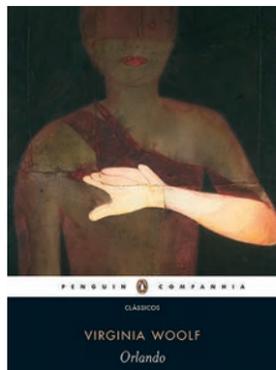
REPRODUÇÃO



## O clássico de Virginia

Uma dos livros mais audaciosos de Virginia Woolf acaba de ganhar nova edição pelo selo Penguin, da Cia. das Letras: trata-se de *Orlando*. Nascido no seio de uma família de boa posição em plena Inglaterra elisabetana, Orlando acorda com um corpo feminino durante uma viagem à Turquia. Como é dotado de imortalidade, sua trajetória então atravessa mais de três séculos, ultrapassando as fronteiras físicas e emocionais entre os gêneros masculino e feminino. Suas ambiguidades, temores, esperanças, reflexões – tudo é observado com inteligência e sensibilidade nesta narrativa que, publicada originalmente em 1928, permanece como uma das mais fecundas discussões sobre a sexualidade humana. A um só tempo cômico e lírico, *Orlando* mostra o

trajeto do personagem entre embates com armas brancas, acalorados debates filosóficos no século 18, a maternidade e até mesmo num volante a bordo de um automóvel. Detalhe: há pouco a editora Autêntica lançou no Brasil uma nova edição de outro livro chave de Virginia: *Ao farol*.



### ROMANCE

*Orlando*  
 Autora - Virginia Woolf  
 Editora - Companhia das Letras  
 Preço - R\$ 32,00  
 Páginas - 344

DIVULGAÇÃO



## À sombra do ditador

A chegada dos 50 anos do golpe militar no Brasil nos fazem pensar na importância de luzes serem lançadas na história comum da América Latina, que consiste em violentos regimes ditatoriais. Quem se debruça agora sobre esse tema é Alejandro Zambra, escritor chileno considerado um dos mais talentosos da nova geração. Em *Formas de voltar para casa*, narra as memórias – ouvidas e vivenciadas – de um homem cuja infância se passou durante a ditadura de Augusto Pinochet, no Chile. A narrativa se desdobra em dois momentos: o passado – começo dos anos 1980 –, que o protagonista tenta recuperar para, então, finalizar um livro que ele está escrevendo no presente. Na busca por entender acontecimentos nebulosos, ele

percorre um melancólico e dolorido caminho de volta na tentativa de escrever a própria história. A obra recebeu o prêmio Altazor e o Prêmio do Conselho Nacional do Livro como melhor romance de 2012 em seu país, além de ter ganhado elogios de nomes como Ricardo Piglia.



### ROMANCE

*Formas de voltar para casa*  
 Autor - Alejandro Zambra  
 Editora - Boitempo e Carta Maior  
 Preço - R\$ 29,00  
 Páginas - 160

## PRATELEIRA

### GUAYNÊ DERROTA A COBRA GRANDE – UMA HISTÓRIA INDÍGENA

Texto do amazonense Tiago Hakiy, do povo sateré-mawé, vencedor do 9º Concurso Tamoio de Textos de Escritores Indígenas, promovido em 2012 pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Conta a história do guerreiro que derrota a grande Moi, uma cobra maligna que capturou sua amada, lançando-se ao rio para resgatar a jovem e provar sua bravura. As ilustrações em aquarela, de Maurício Negro, detalham o ambiente natural e os hábitos do povo mawé. Inclui um glossário no final.



Autor: Tiago Hakiy  
 Editora: Autêntica  
 Páginas: 32  
 Preço: R\$ 29,00

### DIÁLOGO SOBRE O TEMA DA DIVINDADE

Primeira tradução para o português do *Diálogo sobre o tema da divindade*, que faz parte de uma obra maior, *Diálogos*, publicada sob pseudônimo por volta de 1630. Filósofo francês do século 17, Le Vayer foi às vezes considerado um libertino erudito, outras um cristão genuíno, notabilizando-se por tentar conciliar ceticismo e cristianismo, refletindo sobre a relação entre a fé e os limites da razão.



Autor: François de La Mothe  
 Le Vayer  
 Editora: Ufmg  
 Páginas: 124  
 Preço: R\$ 25,00

### ABBAS KIAROSTAMI

O livre reúne 52 fotografias e três textos do diretor iraniano Abbas Kiarostami, além de filmografia completa, comentada, e o ensaio “O real, cara e coroa – o cinema de Abbas Kiarostami”, do crítico franco-iraniano Youssef Ishaghpour. Os textos do famoso diretor falam de sua atividade fotográfica, da arte do enquadramento, de sua paixão pela natureza e da concepção dos seus longa-metragens, que focalizam personagens do cotidiano e pequenos acontecimentos.



Autores: Abbas Kiarostami e  
 Youssef Ishaghpour  
 Editora: Cosac Naify  
 Páginas: 328  
 Preço: R\$ 95,00

### A VIDA SECRETA DOS GABIRUS

Neste romance poético, o poeta, tradutor e crítico literário Carlos Nejar apresenta o homem-gabiru, deformado pela miséria e a falta de conhecimentos. Sua poesia lembra que o homem só atravessa verdadeiramente a história se antes mergulhar em si mesmo, e busca construir um canto épico, lírico, social e dramático do ser no mundo, reunindo o domínio metafísico da linguagem e uma dimensão passional da vida.



Autor: Carlos Nejar  
 Editora: Record  
 Páginas: 224  
 Preço: R\$ 35,00

### XAMANISMO

#### Misticismo e poesia são temas de festival

Não é só Petrolina que vai ser agraciada com um festival literário neste primeiro semestre. Está confirmada a terceira edição do *Festival Internacional de Poesia do Recife*, que terá como tema a relação entre a poesia e o misticismo, seja ele cristão, xamânico. Segundo Wellington de Melo, que também está à frente do evento, em abril serão divulgados os primeiros nomes da programação.

### PLANO DE CULTURA 1

#### Projeto apoia instalação e qualificação de bibliotecas

O público deve ficar atento às datas de realização de encontros para discutir a necessidade de ampliação de bibliotecas públicas nos municípios brasileiros. O projeto *Mais Bibliotecas* resulta do PNC – Plano Nacional de Cultura, que definiu uma série de metas a serem alcançadas, entre as quais que nenhum município do Brasil deixe de ter ao menos uma biblioteca. O endereço da página é [www.facebook.com/planonacionaldecultura](http://www.facebook.com/planonacionaldecultura).

### PLANO DE CULTURA 2

#### Aumentar índice de leitura de brasileiros é meta do PNC

As metas do PNC para a área de bibliotecas estão disponíveis no portal do SNBP – Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, onde constam pesquisas e indicadores sobre cada item. Uma das metas, por exemplo, é fazer com que cada aluno leia pelo menos mais 4 livros por ano, além daqueles necessários ao ensino formal. A média brasileira atual é de 1,5 livros, uma das mais baixas do mundo.

## CRÔNICA

Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira

JANIO SANTOS

# Regras práticas para o reconhecimento literário

**Dizem que os vaidosos** costumam ter olhos apenas para o próprio umbigo. Contingência da razão? Para muitos deles as flunfas – fiapinhos que se formam dentro dessa cavidade abdominal – representam o único fato comunitário possível, criação pela qual o instinto de sobrevivência determina as práticas sociais. Tanto é que, para se desapegar de si, muitos lançam mão de filosofias inteiras, budismos, cinismos, estoicismos... Ou mesmo de um cotonete, vá lá.

Pois bem. De modo geral os escritores são umbigos ambulantes com o sujeito em forma de buraco enfiado numa de suas dobras ensimesmadas. O autor. Um conhecido me disse com acerto, certa vez: *falte ao casamento de um amigo e dê uma desculpa qualquer, depois. Ele a aceitará sem dramas ou lamentações. Falte ao lançamento de seu livro. Ele nunca o perdoará...* É o caso. Literaturas e flunfas.

Dito isso, posso me dobrar em mim mesmo com a desculpa esfarrapada, mas consciente, de que hoje sei como funciona o mercado literário, estabelecimento muito pouco afim com a literatura, mas de reconhecimento recomendável para aqueles que se querem “artistas”. Arrisco-me?

Para o autor, talvez, o melhor fosse mesmo não sair da toca, como esses Salingers e Pynchons que abundam por aí, enfiados em seus furicos. Mesmo assim, entretanto, espíritos de porco alardeariam que tal misantropia é a confissão desafortada de que se bastam. O desaparecimento do artista seria uma forma subliminar de superexposição?

Mas voltemos a mim, se é que de mim saí. Em 2003 publiquei um livro de poemas, *Peixe e mímica*, pela Nankin Editorial. Fiquei dezoito anos a costurar e a remendar o danado. Publiquei-o imaginando bestamente que teria alguma repercussão, depois de tanto engenho. Cai da arte e do cavalo, despenquei-me do burro, pisoteado por mim mesmo. Duas ou três notas na imprensa. O resto foi silêncio. Eis a capa da obra. Uma foto que tirei de um velho portão de ferro carcomido pelo tempo:



Ah, dolorida lição de *santa féru!* Um artista incompreendido não pode desistir, sob pena de ter de enterrar na marra o próprio cordão umbilical na soleira da porta. Aí sim, lascou-se de vez. Seu livro jamais sairá de casa, como reza a simpatia.

Adiante. O fenômeno da falta de reconhecimento literário não poderia residir na biologia do escritor, está claro. No meu caso, por exemplo, tirante alguns achaques, funciono muito bem. Ademais, estudos biográficos comprovam que muitos autores capengas deram à luz obras de grande fôlego. Ora, ora, como apregoa a sabedoria popular, novamente, o cu nada tem que ver com as calças.

Após anos de severas leituras, descobri, enfim, que os livros têm vida. Não no sentido metafórico, o que há tempos se sabe. Eles vivem como seres habitantes deste mundo, mesmo. Respiram os nossos ares. Mesmo os natimortos, o que é circunstância curiosa, visto a taxa de óbitos se aproximar dos 100%. E o fato de se enfiarem na loca fria da obscuridade pouca relação tem com o trabalho do artista. É próprio de uma espécie nascida a fórcepe do umbigo dos homens. Literatura.

Uma infinidade de bifurcações históricas, no entanto, pode fazê-los ao menos tirar a página de rosto do buraco, se porventura não saírem correndo pelo mundo, o que poucos fazem, aliás, malgrado o desejo do criador, como se supõe. Em 2012 publiquei o romance *As visitas que hoje estamos*, pela Editora Iluminuras. Na página 389, há um fragmento que resume essa teoria. Coloquei nele outra foto da capa do livro anterior – uma que fora descartada, dentre as muitas que tirei –, legendando o que seria a possibilidade de renascimento de uma obra esquecida:

**ninguém escreveu isso**



*continuo porque acredito nisso, não depende do indivíduo, nunca dependeu, um livro pode melhorar muito com o tempo, é assim, ó, é possível que um livro seja mais bem escrito mesmo depois de publicado, depende dos rumos do mundo, não, não é maluquice, acontece bastante, vai rindo, vai, pode dizer que é esperança dos desajustados, não é, não, entende?, não, você não entende, pelo menos agora*

Bem, bem. Chega. Não quero me alongar. Hoje os bons conselhos têm o tamanho exato da incompletude, exigindo dos outros que terminem à sua maneira uma história que desconhecem... Um escritor não dita nem copia os rumos da história. Resta-lhe arrancar do umbigo aquelas flunfas, torcendo para que os fiapinhos encontrados, de algum modo, façam parte do mundo, tecido sempre esgarçado que cobre uns e desnuda outros. A vida.